

**VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA**

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES
ANO II — N.º 54 — 28 DE MAIO DE 1942 — PREÇO: 1\$00

MARIA SIDÔNIO, a graciosa «vedeta» da Rádio que acaba de obter grande êxito no teatro de revista



Maria Sidonio

Estratégia e política

O TIPO DA GUERRA

Como função dos recursos

pelos tenente coronel L. J. E. L. L. O. P. O. R. T. E. L. L. A

A) MEIOS E RECURSOS

Nos artigos anteriores referimos, por várias vezes, aos meios de que podem dispor os exércitos em campanha.

Embora já tivéssemos definido, em outro jornal, o significado do termo militar **meios**, julgamos útil, para os leitores de «Vida Mundial Ilustrada», elucidar novamente a matéria para evitar confusões.

MEIOS — é o termo pelo qual se designa, militarmente, o conjunto dos elementos de combate, e seus auxiliares, postos à disposição do Comando, susceptíveis de serem utilizados a qualquer momento.

Os meios são disponibilidades de utilização imediata.

Consideram-se, portanto, meios, por exemplo:

— os efectivos devidamente instruídos, enquadrados, equipados e armados (e não os efectivos sem instrução ou sem equipamento e quadros);

— os canhões devidamente montados com toda a aparelhagem necessária ao seu emprego eficaz;

— os «tanques» com os respectivos armamentos e aparelhagens completas;

— as locomotivas, vagões, navios, camiões e outros elementos de transporte, com a respectiva rede de comunicações (estrada e vias férreas) já construída, etc.

Todos os elementos, que não sejam susceptíveis de utilização imediata, não devem ser considerados meios militares.

Os diferentes meios de combate agrupam-se geralmente em:

a) **Unidades constituídas** — que são organizadas de forma a compreender um certo número de efectivos, especializados por armas e serviços, com dotações fixas de armamentos, equipamentos e apetrechamentos vários e lotes determinados de renuncimento e reabastecimento.

b) **Depósitos e armazéns** — que funcionam como reserva de reabastecimento das unidades organizadas.

Por este motivo devem avaliar-se os meios de uma força armada pelo número de unidades constituídas e pelas suas reservas.

É por isso que, quando se pretende designar a força de um exército, se deve citar o número das suas divisões e não o número de homens mobilizados.

Definir-se uma força em milhares de homens, presta-se a confundir, muitas vezes, recursos com meios.

RECURSOS — São, certamente, meios em potência, mas não representam meios existentes.

Os recursos são as possibilidades que um país ou o seu comando militar possuem para a criação de meios.

Quere dizer, são considerados recursos por exemplo:

— a **capacidade populacional** da nação, base do recrutamento, dos efectivos militares e da mão de obra;

— o **apetrechamento industrial**, base das fabricações de guerra;

— a **quantidade e qualidade de mão de obra especializada**, base do trabalho das fábricas;

— a **existência de matérias primas** necessárias ao abastecimento regular das fábricas e da agricultura;

— a **riqueza do solo**, em produtos agrícolas, pecuários e mineiros, base da alimentação da população e dos exércitos, e da extração de matérias primas;

— o **crédito** e a riqueza financeira do Estado, etc., etc.

Com os recursos produzem-se meios; porém, só estes é que intervem directamente na luta militar.

Em guerra total, todos os recursos e todas as actividades da Nação devem ser mobilizados.

A direcção superior da guerra tem o direito e o dever de coordenar e orientar todas as actividades nacionais, tanto morais como materiais, afim de elevar ao máximo o potencial militar da Nação.

Este potencial é o somatório dos diferentes potenciais: industrial, comercial, financeiro, intelectual, económico (agrícola, mineiro, transportes, etc.) e moral.

O factor moral — foi sempre, e há-de continuar a ser, de valor primordial na guerra.

Posto assim o problema, dir-se-á — quem possuiu potencial militar mais elevado deve ganhar a guerra.

Parece que assim deveria ser, porém a vitória depende essencialmente da natureza ou tipo de guerra empreendida.

B) DIFERENTES TIPOS DE GUERRA

Não há dúvida que, perante dois adversários de valor moral idêntico, a vitória deve ir fatalmente aquêles que dispuser de superioridade de meios na batalha.

Um país, ou um bloco de países, com inferioridade de recursos, e portanto de potencial militar menor, pode vencer um adversário que lhe seja superior neste campo.

a) **GUERRA A PRAZO** — é o tipo de guerra que, neste caso, deve ser escolhida.

A guerra a prazo baseia-se na surpresa técnica; surpresa na qualidade ou na quantidade dos meios preparados.

Tal tipo de guerra exige uma preparação secreta, metódicamente organizada, tendo o seu funda-

mento basilar no engano do adversário.

Só pode haver surpresa, se houver segredo ou engano; segredo nos preparativos ou engano quanto às intenções.

O que é preciso é dispor de superioridade de meios no momento do ataque, e manter esta superioridade durante o tempo exigido pelos batalhos até alcançar a vitória.

A preparação da guerra a prazo, consiste na acumulação prévia de meios, de forma a possuir a superioridade numérica e técnica no momento escolhido.

Tal guerra, portanto, só pode ser conduzida por quem estiver disposto a tomar a iniciativa do ataque, isto é, a ser o agressor.

b) **GUERRA RELÂMPAGO** — assim se chama ao tipo de guerra que consiga rapidamente resultados decisivos.

Quando um adversário, com inferioridade em recursos e portanto em potencial, prepara uma guerra a prazo, tem forçosamente que imprimir uma guerra relâmpago — afim de evitar que o inimigo tenha tempo de mobilizar a totalidade dos seus recursos, criando meios que provoquem o desequilíbrio de forças a seu favor.

c) **GUERRA DE DESGASTE** — é o tipo escolhido, em geral, pelo adversário que possuindo superioridade em recursos, se encontra momentaneamente em inferioridade de meios.

Esta guerra tem por fim obrigar o adversário a gastar progressivamente os seus meios, de forma a ganhar o tempo preciso à criação dos seus próprios.

A tática adoptada em cada um destes dois tipos é totalmente oposta no tempo.

A guerra relâmpago exige uma decisão rápida, sendo, portanto, caracterizada: pelo emprego maciço dos meios no combate, sem ciliar a desgastes; e pela surpresa do ataque, afim de evitar a mobilização dos meios e dos recursos.

A guerra de desgaste exige a economia inicial dos meios existentes, afim de poder durar enquanto se mobilizam os recursos, e estes se transformam em meios.

Esta guerra tem que tomar inicialmente uma atitude defensiva, procurando reforçar os meios existentes com apoios de obstáculos naturais. Exige portanto espaço vasto que possa ser cedido e onde o adversário se vai consumindo.

Quando se preparou uma guerra relâmpago, e que esta se transformou em desgaste, prolongando-se no tempo, a vantagem vai para o adversário que possui superioridade em recursos.

Estes princípios simples são de tal forma elementares que, à primeira vista, parece devem ser classificados na colecção do Senhor de «La Palice» ou do nosso amigo «Banana».

Contudo o conflito actual veio mostrar-nos que eles foram totalmente esquecidos pelos dirigentes, ou pelos povos de certas potências ricas, inteligentes e poderosas.

O leitor já verificou, decerto, que o início do presente conflito foi marcado por estas duas características fundamentais: guerra a prazo e guerra relâmpago, e está agora a prolongar-se em guerra de desgaste.

Teria isto tudo acontecido com surpresa geral?

Não. Muitos peritos e técnicos militares, que seguem atentamente os acontecimentos da política internacional desde 1933, previram-no e anunciaram-no em tempo devido.

Basta ler os relatórios das comissões militares do parlamento francês, para ali se encontrar o aviso e a definição dos acontecimentos que se deram.

Numerosos artigos de revistas e jornais, indicaram o desenvolvimento previsível da actual situação internacional.

O general francês Debenev, no seu livro «A guerra e os homens», faz profeticamente um estudo completo e detalhado destes métodos. E então é legítimo perguntar: Porque se deixaram estes povos inteligentes e ricos surpreender tão facilmente?

C) CONCEPÇÕES E PREPARATIVOS

A explicação deste fenómeno tem que ir buscar-se à inércia própria dos regimes que presidiam aos destinos de cada um dos dois blocos, isto é: à concepção própria que cada um deles tinha sobre o sentido de civilização, de progresso e de humanidade.

No período pre-guerra, estas duas concepções tinham sido sintetizadas em duas frases: Política da manteiga e Política dos canhões.

É evidente que tal fórmula é demasiadamente empírica, pois pode viver-se com menos manteiga e mais alguns canhões, para a defender, enquanto que, só com canhões, e sem manteiga alguma, é impossível viver-se.

Contudo a fórmula encerra, neste seu empirismo, a essência própria das guerras a prazo e relâmpago:

1.º economizar manteiga, para

(Continua na pág. 5)



O esforço de guerra das nações unidas



O ESFORÇO DE GUERRA das nações unidas ao lado da Inglaterra e dos Estados Unidos patenteia-se bem nesta página, através das figuras mais representativas de alguns desses países. Em cima, à esquerda, vemos, o jovem rei Pedro da Jugoslávia a bordo dum avião da R. A. F. durante uma visita a uma esquadilha australiana de aparelhos «Sunderland».

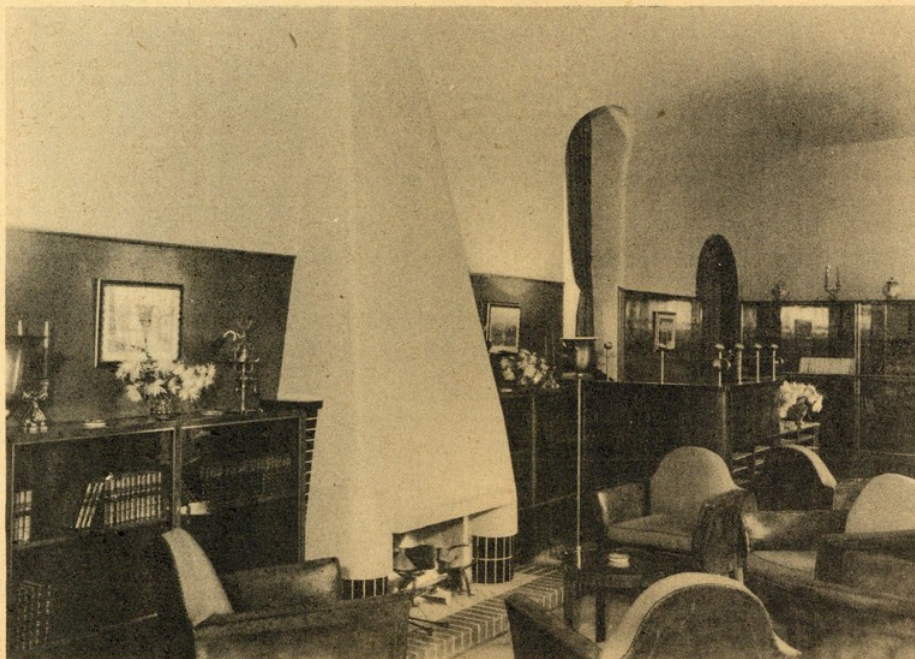


O PRIMEIRO MINISTRO DA GRÃ BREITANHA fazendo o sinal do «V» da vitória ao passar revista a uma formação de tropas inglesãs do Comando do Sul acompanhado pelo embaixador da Turquia, Rauf Orbay, e pelo adido militar daquele país. — O PRINCEPE BERNARDO, da Holanda, inspeccionando uma força de Marinha dum unidade naval holandesa recentemente posta ao serviço ao lado da esquadra britânica, num pórtico do noroeste da Inglaterra. — O GENERALÍSSIMO CHANG KAI CHEK, comandante dos exércitos chineses conferenciando com um dos seus jovens generais

O que é o círculo EÇA de Queiroz



Se há escritor que se conserve permanentemente vivo no nosso espírito, esse escritor é, sem dúvida, Eça de Queiroz. A perspectiva intelectual da sua obra continua a projectar-se, como um clarão que, dia a dia, parece ganhar maior brilho, sobre a nossa vida de hoje. As suas figuras, os seus tipos, a psicologia dos seus livros, certos ambientes mesmo que envolvem muitos dos seus personagens, persistem numa incontestável actualidade. O próprio Eça de Queiroz, já não diremos em espírito, mas em pessoa, esse mesmo não desapareceu na sombra do além-túmulo. A sua distinção natural, o seu perfil inteligente, o brilho do seu monóculo, o esplendor da sua gravata, o corte impecável do seu fraque no rigor da moda, continuam familiares no nosso Chiado literário. Dir-se-ia que, que para todos nós que o admiramos num culto quasi divino, éle surge todas as tardes, à porta da Havaneza, envolto numa auréola de imortalidade, braço do seu eterno prestígio. O Conde de Sabugosa dizia uma vez que a recordação de Eça de Queiroz era tão persistente na sua inapagável afectuosidade que, todos os dias, tinha a sensação de que sentia os seus passos, a sua mão se estendia à sua mão, e, enlevado, lhe ouvia a voz. Igualmente Junqueiro confidenciava, certa ocasião, que, quando estava em Lisboa e passava pelas Duas Igrejas nunca deixava de descer ao Largo do Quintela «para dizer adeus ao Eça». A todos os admiradores do romancista ilustre das «Mãos» e da «Cidade e as Serras» sucede, de certo modo, o mesmo. E porque o prestígio do escritor se mantém vivo e latente, porque a repercussão da sua obra permanece, à semelhança duma chama que se não apaga, porque a sua própria figura, esguia e distinta, continua perto de nós como há 50 anos — nasceu a ideia de criar o «Círculo Eça de Queiroz», espécie de Academia de distinção, de espírito, de «rendez-vous» literário, de comunicativo convívio intelectual, a que presidisse, com o seu monóculo de cristal, a imagem eterna do romancista. A ideia, partida de António Ferro, depressa criou adeptos; lançou-se a obra; adaptou-se um andar elegante e tranqüilo da rua Serpa Pinto; Bernardo Marques decorou-a com algumas cenas evocativas — e o Círculo principiou a girar em volta do seu centro espiritual. «A Vida Mundial Ilustrada» publicando hoje alguns aspectos íntimos — digamos assim — desta nova Academia, permite aos seus leitores que passem os olhos pela casa da rua Serpa Pinto, onde paira a atmosfera dum grande espírito.



DOIS ASPECTOS das instalações do Círculo Eça de Queiroz no primeiro andar da esquina da rua Serpa Pinto com o Largo Rafael Bordalo Pinheiro. Em cima, a sala de jantar; à esquerda, uma sala de estar, mobiliada e decorada com bom gosto.

O TIPO DA GUERRA

(Continuação da segunda página)



OUTROS DOIS ASPECTOS interiores do Circulo Eça de Queiroz. Em cima, um magnifico retrato do grande romancista. Em baixo, outro aspecto da sala de estar, que tem, em cada quadro e em cada «bibelot», uma lembrança do admirável espirito que foi o do autor de «A Cidade e as Serras».



constituir «stocks» e reservas necessárias à vida da Nação e dos exércitos durante o período previsto para a luta; 2.º habituar, desde o tempo de paz, o povo aos sacrifícios que a guerra impõe; 3.º gastar o esforço principal nos canhões para conquistar a manteiga do vizinho o mais rapidamente possível.

O êxito da empresa dependerá exclusivamente do **sincronismo** dos diferentes movimentos da guerra.

Se as operações políticas e militares se executarem dentro do **prazo fixado** no programa, o empenhamento resultará com êxito.

Quere dizer: se canhões acumulados conseguirem destruir o adversário, dentro do tempo previsto, a manteiga em «stock» bastará às necessidades da vida, e a manteiga conquistada recompensará o povo do sacrifício das batalhas; se, porém, o tempo da luta for além do previsto, os «stocks» gastar-se-ão, e ao povo e ao exército faltarão os recursos necessários à vida e, portanto, à continuação da luta.

Daqui se pode concluir que o **objectivo primordial** duma guerra longa e de desgaste deve ser o de **ganhar a superioridade dos recursos**.

Assim o entende e assim o estão praticando o Japão, a Grã-Bretanha e a América.

Assim o deve entender a coligação germano-italiana, mas sem o terem, até agora, conseguido.

A Itália, perdendo as suas possessões africanas, perdeu possibilidades de matérias primas; a Alemanha, lançando-se no ataque contra a Rússia, perdeu as possibilidades dos reabastecimentos que este país lhe devia fornecer, conforme as cláusulas do tratado de comércio, anexa ao pacto de amizade e não agressão que com ela fizera em 1939.

* * *

Mussolini, discursando, após a intervenção da Itália na guerra, em Junho de 1940, definiu lapidariamente os objectivos da guerra actual como sendo: «a luta de povos pobres e numerosos, contra os esfomeadores que detêm ferocemente o monopólio de toda a riqueza e de todo o ouro da terra» — «a luta entre dois séculos e duas ideias».

E assim se verifica que a questão da manteiga e dos canhões é o fundo do conflito. A luta dos séculos e das ideias são meros auxiliares psicológicos deste combate pela conquista da manteiga dos outros.

Conquistar riqueza e poder; empregando, se for preciso, a força das armas; defender a riqueza própria e negociar em paz — eis a diferença fundamental das duas concepções.

De um lado há: nações que preconizam o progresso por meio de vias pacíficas; intercâmbio económico e intelectual, entre os povos, livre circulação de pessoas, ideias e mercadorias, desenvolvimento do individualismo, dando ao homem maior percentagem de conforto e bem estar, acompanhados da maior liberdade espiritual; recusa da intervenção da guerra, descurando, portanto, a sua preparação.

Do outro lado há: povos que vêem na guerra um fenómeno gerador de progresso, uma fatalidade histórica, uma manifestação de vitalidade; a nação deve fechar-se economicamente em **autarquia**, isolar-se do livre cambismo, procurando adquirir, pela vitalidade do povo, os territórios e as matérias necessárias à sua autonomia (teoria do espaço vital); o **individuo** tem que abdicar de direitos e liberdades, sofrer restrições e trabalhos que ofereça em holocausto ao Estado. A sua actividade perde personalidade para se transformar num rodízio da grande máquina do Estado.



A estas duas concepções diferentes correspondem, pois, duas **direcções políticas** também divergentes.

POLÍTICA E ESTRATÉGIA

A quem pretender servir-se da força das armas como principal argumento ou instrumento diplomático — a **estratégia deve dominar a política**.

Pelo contrário, a quem preferir, ao argumento das armas, a via das negociações e da colaboração moral, a **Política** tem que dominar a **Estratégia**.

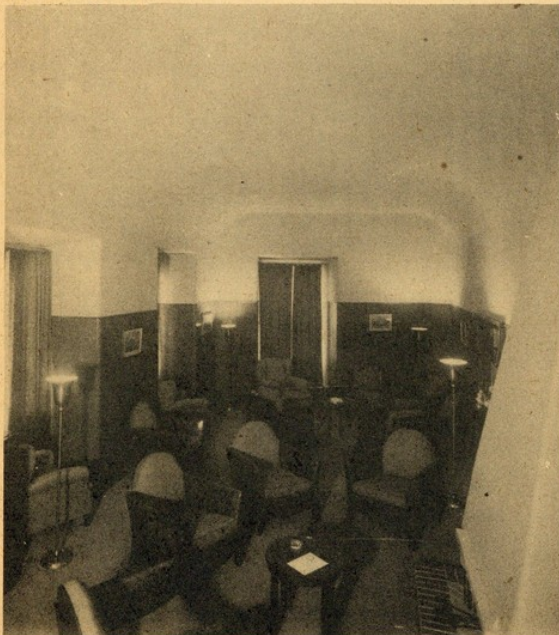
Klauswitz, o general prussiano bem conhecido em todo o mundo como um dos melhores tratadistas militares, dizia que a guerra era um simples instrumento da **política**.

Ludendorff e os seus discípulos entendem, pelo contrário, que a **política** tem que moldar-se às necessidades impostas pela guerra.

Eis, em resumo, explicada em grande parte, a razão porque as **tais potências**, ricas, inteligentes e poderosas, foram surpreendidas.

Uns, raciocinavam na base da **estratégia**, enquanto os outros se baseavam na **política**, recusando-se a dar àquela primazia sobre esta.

Os primeiros prepararam a sua guerra a **prazo**, afim de impor a sua vontade no **momento escolhido**; os segundos confiaram na força de seus recursos e menosprezaram os preparativos adversos, não criando os **meios** precisos para enfrentarem o primeiro embate.



LEIA TODOS OS SÁBADOS

VIDA MUNDIAL

Um jornal que vale por muitos jornais

Documentário da Imprensa de todo o Mundo

CALÇADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

NÃO obstante as preocupações da guerra—ou talvez por isso mesmo—volta a discutir-se um problema que, há vinte anos, apaixonou vivamente os psicólogos, e para o qual não foi encontrada então (como decerto o não será agora) uma solução definitiva. Trata-se nem mais nem menos do que isto: saber quais são mais perigosas para o homem, se as mulheres de cabelo loiro, se as mulheres de cabelo preto. Na verdade, é facto há muito observado que não é indiferente, na psicologia feminina a cor dos cabelos de Eva. Segundo inúmeras experiências feitas, uma cabeleira loira ou uma cabeleira preta são índices da mulher. Até hoje não se chegou, porém, a acôrdo. Enquanto para uns a mulher loira é inevitavelmente fatal para o homem, para outros a mulher de cabelo preto representa o tipo mais perigoso da raça humana. Quem terá razão? Não se sabe, ao certo. Mas valerá a pena discutir este problema? Desde que as mulheres, quimicamente, podem mudar a cor dos cabelos, o assunto não estará morto?

BELAS-ARTES

DEPOIS dos factos que se verificaram na Sociedade Nacional de Belas-Artes, procedeu-se a nova eleição dos corpos gerentes. Triunfou a lista Ressano Garcia. Em homenagem ao triunfador parece que a rua Barata Salgueiro vai passar a Avenida Ressano Garcia... Júnior.

STUART

O «Século» referia-se há pouco, a dois artistas, Cesário Verde e Stuart de Carvalhais, como sendo, um com os seus versos, outro com os seus desenhos, dois dos melhores intérpretes dos tipos populares lisboetas. Falando-se do caso diante de Stuart, este commentou:

—Questão de cores! O Cesário era Verde e eu gosto do rôxo...

AS BICHAS

SEGUNDO informações recentes as únicas «bichas» de Londres são para os theatros, para os cinemas e para os concertos. Não existe dúvida. Há uma coisa mais forte do que a própria guerra: é a paz de espirito.

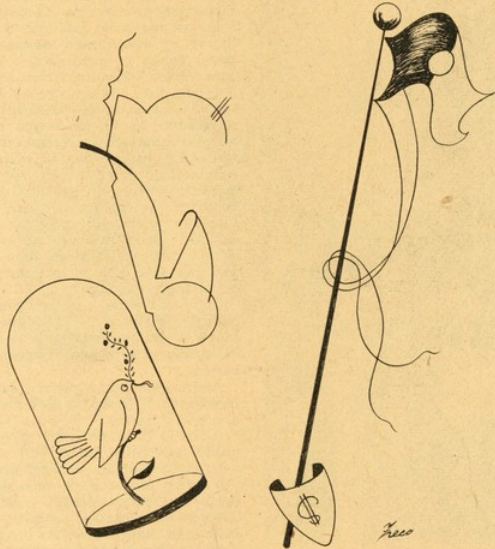
O QUE ESTÁ LA DENTRO

O coração de certas raparigas assemelha-se à sua mala de mão: contém um espelho, uma borla de pó de arroz, um bilhete de cinema, uma carta de amor—e a chave do trinco...

PÃO E AMOR

CÉSAR de Frias traduziu, com impecável brilho, o livro de Knut Hamsun: *Pão e amor*, prémio Nobel da literatura. Ao lê-lo, mais uma vez se nos revigora esta ideia: para todos o pão é amor; para muitos o amor—é pão...

RAMO DE OLIVEIRA



Um belo dia o Senhor chamou Noé, que era justo e bom, e ordenou-lhe que fizesse uma arca de trezentos covados de comprimento, cinquenta de largo e trinta de alto. Depois, perante o justificado assombro de Noé, explicou-lhe as razões desta deliberação. Durante cem anos contados, Noé trabalhou na arca; mal acabou o trabalho começou a chover a potes—chuva que durou quarenta dias e quarenta noites—e do que havia na terra apenas ficou aquella arca privilegiada dentro da qual escaparam o velho patriarca bíblico, sua mulher e um casal de cada espécie de animais. A certa altura, as águas foram baixando, a arca encaixou nuns rochedos da Arménia, e os cabeços dos montes foram surgindo, pouco a pouco, doirados de sol. Uma noite Noé soltou o corvo, que não voltou. Na manhã seguinte, fêz sair uma pomba a qual não achando onde pousar (por haver ainda muita água sobre a terra) voltou a entrar na arca. Fintos mais sete dias, Noé soltou novamente a pomba que voltou pela tarde—uma tarde de Junho primavera!—trazendo no bico um raminho de oliveira. A arca aportou pouco depois,—e todos desembarcaram.

Eis o que nos diz a Biblia. Sabe-se hoje, por estudos arqueológicos recentes, que o raminho de oliveira, símbolo de paz, que a pomba levou no bico—foi colhido, em Portugal, numa oliveira que nasceu perto de Santa Comba.

CARLOS REIS

A exposição da obra artistica do grande mestre que foi Carlos Reis está constituindo um vivo êxito. Quem escreve estas linhas teve por Carlos Reis uma grande afeição. O seu coração era um cofre de ouro—como o seu talento. O seu espirito esfuasiava. Tinha resposta pronta para tudo. Só uma vez, quando estudava em Paris, hesitou. O pintor estava hospedado numa pensão onde pagava 5 francos por dia. Uma vez, ao almoço, encontra na comida um trapo negro. Barafusta, claro, perante aquella ignominia. Logo o dono da pensão retorquiu, num sorriso:

— Naturalmente por cinco francos a diária queria encontrar um lenço de seda, não?

O CAFÉ

O Brasil, ao que parece, vai fazer perfume de café. Ideia admirável! Se assim fór, de facto, vamos tomar café pelo nariz... Que dirá o João da *Brasileira*?

MULHERES

AS mulheres têm quatro idades: a de Musset (a idade poética); a de Balzac (a idade das realidades); a de Goethe (a idade do Fausto); a de Júlio Dantas (66 anos).

ANÚNCIOS

OS jornais publicavam, há dias, este anúncio: «Viúvas. Compram-se binóculos prismáticos. Mistério indecifrável»

O DIABO

UMA tarde destas, João Bastos e Wenceslau Pinto, respectivamente autor do poema e da música da mágica *A Lenda dos sete cravos*, tomavam tranquilamente a sua chicara de café na *Brasileira do Chiado*. De repente o café transformou-se-lhes em água; os bolos em pedras; o açúcar em sulfato de sódio...

Oh! as mágicas!

COPO DE ÁGUA

JOSÉ Cândido Godinho e Joaquim Martins, ofereceram, no dia 21, nas salas da redacção da *Vida Mundial* um lauto «copo de água» aos colaboradores desta revista. Tarde de esplêndida camaradagem, em que se trocaram abraços, sorrisos—e *croquettes*. A «Calçada da Glória» agradece, penhorada, as referências que lhe foram feitas, e tão alto generosamente a colocaram que, se não fosse a sua natural modéstia—a modéstia e o resto—passaria daqui em diante a chamar-se *Avenida da Liberdade*...

CIRCULO MARIO AUGUSTO

UM grupo de artistas fundou recentemente um Circulo de arte a que deram o titulo de Circulo Artístico Mário Augusto, em homenagem à memória do falecido pintor. A sede do Circulo encontra-se instalada, num ar de notável inconformismo, numa água-furtada da Rua da Fé e contém, entre os seus membros, um Cicero e um Arquimedes...

Não é qualquer coisa!

NASCIMENTO FERNANDES

NASCIMENTO vai fazer, em breve, no cinema, o *Mena do Amor à antiga*, de Augusto de Castro. Trata-se duma figura que é, por sua natureza, apagada e tímida—diz Fernandes, no *Noticias*. Mas, nesse caso, não é o *Mena*: é *Amena*.

REGISTO LITERÁRIO

LI agora dois livros que me permito aconselhar aos leitores desta página: um, *O drama da Unidade Alemã*, firma-o Francisco Veloso; o outro, *A França em Marrocos*, assina-o Urbano Rodrigues. O primeiro é o livro dum historiador; o segundo é o livro dum jornalista: qualquer deles, na sua diversa fisionomia literária, revela qualidades excelentes, quer quanto à forma, quer quanto à essência. A minha estante giratória quando lá os coloquei deu duas voltas de alegria. Está dito tudo.

Luís d'Oliveira Martins



O PRINCIPE DE PIEMONTE, herdeiro do trono de Itália, que foi recentemente nomeado comandante dos exércitos aquartelados no sul do seu país. Na foto, vê-se o Príncipe assistindo a manobras numa região da Sicília

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo VII - No céu de Londres

3

O ATAQUE À CAPITAL BRITÂNICA

PARA descrever as diversas fases da batalha aérea de Inglaterra, cujo resultado impediu a invasão deste país, podemos apenas utilizar as informações de origem britânica, visto que, do lado alemão, nada foi revelado oficialmente, sabendo-se apenas que a ofensiva da Luftwaffe, superiormente orientada pelo marechal Goering, teve como principal agente de execução o comandante do exército aéreo, general Kesselring.

Na sua ofensiva, os alemães utilizaram formações maciças de bombardeiros que eram escoltados por formações de aparelhos de caça (monomotores e bimotores).

Na sua maioria, os bombardeiros utilizados durante a ofensiva foram aparelhos do tipo Ju-87 (aviões de bombardeamento a pique) e aparelhos, embora em menor número, dos tipos He-111, Do-17 e Ju-88. As escoltas formadas pelos aparelhos de combate voavam, em geral, a grandes alturas, o que não impedia que a sua protecção na prática se revelasse eficaz.

Como dissemos, a grande ofensiva aérea sobre a Grã-Bretanha iniciou-se no dia 8 de Agosto, tendo havido antes desta data numerosos vôos de reconhecimento, cuja proficuidade depois se verificou no decurso das operações durante a sua fase mais aguda.

Os primeiros ataques da Luftwaffe incidiram, com uma intensidade inesperada, sobre a navegação. Tratava-se de um alvo mais fácil de atacar e de um ataque de maior rendimento. Os vapores de pequena velocidade são um objectivo designado para a aviação de bombardeamento. Além disso, está provado que as perdas da aviação de caça são, em geral, mais numerosas quando aquela tem de actuar sobre o mar.

Estas circunstâncias vantajosas não deixaram de influir no espírito dos chefes militares alemães quando resolveram desencadear a ofensiva com aquelas características. Por outro lado, o emprego dessa tática permitia aos alemães avaliar, sem riscos excessivos, o grau de aperfeiçoamento da defesa britânica, a respeito do qual os simples vôos de reconhecimento não permitiam formar elementos concretos e definitivos. Foram estas, certamente, as razões que impuseram para dar à primeira fase da ofensiva da Luftwaffe as características de que se a revestiu.

A PRIMEIRA FASE DA BATALHA

No dia 8 de Agosto foram atacados por importantes formações da Luftwaffe, dois comboios que navegavam no Estreito. Numa frente de menos de quarenta quilómetros duas vagas de aviões, a primeira com sessenta, a segunda com cem aparelhos, tentaram afundar os navios de um comboio, ao largo da ilha Wight. Dois dos vapores britânicos perderam-se. No mesmo dia, uma terceira vaga de cento e trinta apare-

lhos atacou um outro comboio ao largo de Bournemouth. O comboio dispersou-se, depois de ter sofrido grandes perdas. Três dias depois, a 11 de Agosto, o ataque recomeçou, visando, de maneira particular, as cidades de Portland e de Weymouth e a navegação do estuário do Tamisa e ao largo de Harwich. Naquelas cidades os prejuízos foram de monta. No dia 12, mais de duzentos aviões alemães, em vagas sucessivas, atacaram Dover. No mesmo dia, cento e cinquenta aparelhos voavam sobre Portsmouth e sobre a ilha de Wight. A luta com a caça britânica tornou-se áspera e as perdas do atacante começaram a tomar certo vulto.

De 13 a 15 de Agosto, a acção da Luftwaffe incidiu, de maneira particularmente violenta, sobre Portsmouth. O número de aviões atacantes oscilava, em cada dia, entre trezentos e quatrocentos. Como a reacção da aviação de caça britânica endurecesse, os alemães começaram a adoptar uma tática diferente. Com o ataque à navegação e aos portos, começaram a atacar, violentamente, as bases aéreas do sul de Inglaterra: Dover, Deal, Hawking, Mattlesham, Lymprie, Middle Wellop, Kenley, Biggin Hill. A aviação alemã chegou a atingir Croydon.

O balanço de perdas, feito quando terminou a primeira fase da batalha aérea sobre a Inglaterra (18 de Agosto), era para os alemães o seguinte: seiscentos e noventa e sete aparelhos contra cento e cinquenta e três aparelhos britânicos. Mais do que os prejuízos em material eram, para os alemães, sensíveis os prejuízos em pessoal. A recuperação de pilotos, visto que a batalha se travava sobre território da Grã-Bretanha, fazia-se do lado inglês mais vantajosamente do que do lado alemão. Foi esta uma das circunstâncias que influíu no decurso da batalha e no seu resultado.

MUDANÇA DE TÁTICA

A primeira fase da ofensiva da Luftwaffe malograra-se especialmente graças à vigilância e à actividade da aviação de caça britânica. O principal problema que esta teve de resolver consistia em ter, em determinado momento e em determinado ponto, um número suficiente de aparelhos prontos a dar combate ao inimigo, logo que este fôsse descoberto. A vigilância tinha de ser mais activa nas bases avançadas. Além da vigilância era indispensável estar preparado para que os ataques, à bomba ou à metralhadora, sobre os campos de aterragem, não resultassem. Estes objectivos foram plenamente alcançados pela R. A. F.

A tática adoptada pela aviação de caça britânica consistia, essencialmente, em atacar pela pópa os aparelhos inimigos Me 109 e Me 110. Como estes aviões não eram blindados, o seu emprego revelou-se de uma eficácia absoluta. Só assim se compreende a desproporção real registada entre os números que exprimem as perdas da aviação alemã e aqueles que traduzem as perdas da aviação britânica durante os primeiros dez dias da batalha.

A segunda fase da batalha aérea da Inglaterra iniciou-se em 19 de Agosto, mas nos primeiros cinco dias (19 a 24 de Agosto) foram

de relativa acalmia. Os alemães perderam apenas trinta e nove aviões contra dez que os ingleses sofreram. A Luftwaffe passou a adoptar uma tática diferente. Ao mesmo tempo que diminuíam o número de bombardeiros incorporados em cada formação, os alemães aumentavam o número de caça de escolta. Mas a cobertura formada pelos aparelhos deste tipo continuava a ser feita de grande altura. A transformação operada na composição e nos métodos de ataque das formações aéreas alemãs produziram, nos primeiros dias, alguns resultados. As posições avançadas da aviação britânica foram algumas vezes forçadas. Como, nesta fase da luta, a problema das perdas não interessava grandemente o comando alemão, os ataques da Luftwaffe conseguiram realizar alguns dos objectivos designados. Mas esta tática não podia deixar de, passado certo tempo, conduzir a resultados inconvenientes. Passado o período de acalmia, a actividade da Luftwaffe traduziu-se por perdas incomportáveis, em material e em homens.

A ACTIVIDADE DA AVIAÇÃO DE CAÇA

No dia 24 de Agosto desencadeou-se a segunda fase da ofensiva, propriamente dita. Portland, Dover, Hanston foram os primeiros alvos dos ataques alemães. Simultaneamente eram atacadas as regiões de Essex, North Foreland, Gravesend e Deal. No dia 24 malograra-se um ataque poderoso projectado contra Maidstone (no qual estavam envolvidos cerca de trezentos aparelhos alemães) por virtude do aparecimento da aviação de caça britânica.

No dia 25 a actividade da Luftwaffe incidiu particularmente sobre Portsmouth e Southampton. As áreas de Dover, de Folkestone e de

Acaba de ser posto à venda um livro sensacional

DIZE TU, DIREI EU

Por LUIZ DE OLIVEIRA GUIMARÃES

67 entrevistas cheias de revelações e confidências

35 caricaturistas ilustram este livro

ALGUMAS DAS NOSSAS GRANDES FIGURAS DE HOJE NA INTIMIDADE DOCUMENTÁRIO DE UMA ÉPOCA

UMA ARTÍSTICA EDIÇÃO DE

“VIDA MUNDIAL”

320 PÁGINAS — ESC. 15\$00

DISTRIBUIDORES EM TODO O PAÍS:

AGÊNCIA INTERNACIONAL — R. S. NICOLAU, 119

LISBOA

Kent, bem como o estuário do Tamisa, foram objecto de intensos bombardeamentos.

Estes ataques, com as características que resumidamente deixamos indicadas, prolongaram-se entre 24 e 30 de Agosto. Os aeródromos de Kenley, North Weald, Hornchurch, Debden, Lympore, Detling, Duxford, Northolt, Biggin Hill foram rudemente atacados. O mês de Agosto terminou com o duelo aéreo anglo-alemão numa fase aguda. Mas era evidente que os atacantes não conseguiram o seu principal objectivo: eliminar a aviação de caça britânica.

De 1 a 5 de Setembro, datas com que terminou a segunda fase da batalha, as características do ataque alemão mantiveram-se. No dia 1 de Setembro houve três ataques muito fortes; no dia 2 registaram-se cinco ataques, no dia 3 um ataque e dois ataques em cada um dos dias 4 e 5. Os ataques realizados no dia 2 foram dum grande intensidade. Os aviões alemães alcançaram a área da capital, tendo largado as suas bombas a cerca de dez quilómetros de Londres.

No fim da segunda fase verificou-se que tinham sido desencadeados contra a Grã-Bretanha trinta e cinco ataques de grande envergadura. As perdas dos dois adversários apareciam expressas pelos seguintes números: quinhentos e sessenta aparelhos destruídos do lado alemão, contra duzentos e dezasseis dos ingleses perderam. Muitos dos pilotos dos aparelhos britânicos conseguiram, porém, salvar-se o que não acontecia aos seus adversários.

A tática defensiva da R. A. F. adaptou-se, rapidamente, aos novos métodos da ofensiva da Luftwaffe. Entre 8 de Agosto e 5 de Setembro levantaram vôo dos aeródromos ingleses 4.523 patrulhas de caça, o que dá uma média diária de 156 formações.

O MÊS CRUCIAL

A terceira fase da batalha iniciou-se no dia 7 de Setembro e prolongou-se durante um mês. O objectivo principal dos atacantes passou a ser, quasi exclusivamente, a cidade de Londres. Os ataques foram feitos de dia.

No primeiro dia, três vagas de aviões alemães, com intervalo de vinte minutos, voaram sobre a capital da Grã-Bretanha. O ataque, no conjunto, durou, portanto, uma hora. As vagas de aviões atacantes compunham-se de formações que variavam entre vinte e quarenta bombardeiros acompanhados de perto por uma escolta de caça. Sobre as formações de bombardeiros voavam também a grande altura outros caças alemães. O serviço dos observadores tornou-se bastante difícil devido à grande altura a que os aparelhos atacantes voavam quando faziam a travessia do Canal. Simultaneamente os bombardeiros alemães de vôo picado atacavam a marinha mercante e os portos da costa sul de Inglaterra e os ataques nocturnos aumentavam de intensidade. Tratava-se, portanto, de uma série de operações combinadas em que a área de Londres aparecia como objectivo principal dos atacantes mas em que estes procuravam, ao mesmo tempo, desmoralizar a população e dispersar a aviação de caça britânica.

O tempo estava soberbo, de maneira que o espectáculo do duelo aéreo, único na história, era presenciado por milhares de pessoas que seguiam atentamente a evolução dos contentores e acompanhavam emocionadas os aparelhos que, por dezenas, tombavam do azul do céu. Os «Spitfire» e os «Hurricane» deram então as suas provas decisivas. O pano de fundo neste cenário grandioso era constituído pelo ruído dos motores de centenas de aviões que ora se aproximavam, ora se afastavam e pelo matraquear das metralhadoras, cujo ruído monótono enchia o ambiente. Depois eram os pára-quadras que se recortavam na atmosfera límpida ou as carcassas dos aparelhos abatidos que vinham acumular-se no solo e eram objecto das atenções gerais. Os soldados britânicos guardavam durante alguns dias estes despojos que, por fim, eram removidos no meio da curiosidade popular. Entre o aparecimento e o desaparecimento dos aviões alemães medeavam em geral algumas horas de actividade aérea que, passado algum tempo, passou a ser considerado um episódio corrente na vida da capital britânica.

ATÉ 15 DE OUTUBRO

Entre 7 de Setembro e 5 de Outubro, a

Luftwaffe realizou trinta e oito ataques em massa contra Londres. As perdas sofridas pela arma aérea alemã eram sensíveis quando se iniciou esta terceira fase da batalha. Quando se terminou, podiam considerar-se graves. A medida que a intensidade dos ataques aumentava, a protecção dos caças alemães à aviação de bombardeamento aumentava também. Houve uma altura em que cada bombardeiro era acompanhado por quatro caças, dos modelos mais modernos, destinados a assegurar a sua protecção. Mas a eficiência dos bombardeamentos diminuía à medida que crescia a sua intensidade. Os alemães procuravam atrair para as grandes alturas a aviação de caça britânica afim de a desviar da sua tarefa principal: interceptar o vôo dos bombardeiros inimigos. Obrigando os caças britânicos a voar a grande altura, havia uma probabilidade séria de diminuir as suas reservas de carburantes. A tática assim improvisada não deu maior rendimento do que os métodos adoptados durante as duas primeiras fases da batalha. Os aviões de caça britânicos continuaram a desempenhar-se da sua missão em condições perfeitamente satisfatórias. Só um grupo de caça britânico (o grupo n.º 11 do Comando de Caça) destruiu no curto prazo de vinte e cinco dias (11 de Setembro a 5 de Outubro) cerca de quatrocentos e cinquenta aparelhos inimigos.

Quando terminou o mês de Setembro a aviação de caça britânica, apesar das perdas sofridas, via aumentado o seu potencial. Os aeródromos, devastados em consequência dos ataques ininterruptos realizados durante o mês de Agosto, estavam reparados. O número de aparelhos inimigos interceptados aumentou; aumentou o número de pilotos alemães mortos ou prisioneiros. Muitas bombas alemãs começaram a não cair nos alvos que haviam sido designados aos tripulantes dos aparelhos alemães. Havia, à medida que o tempo decorria, um factor de incerteza e de indecisão que começava a pesar no conjunto da batalha. Esta parecia ainda longe do seu termo. Mas, mesmo na sua fase mais aguda, não se via bem como seria possível destruir a cidade, desmoralizar a sua população e afastar do céu de Londres a aviação de caça britânica, cuja virtuosidade aumentava na proporção em que os seus pilotos se iam afirmando na prática da guerra moderna.

O DIA 15 DE SETEMBRO

A história fixou, para sempre, na batalha aérea sobre a Inglaterra, o dia 15 de Setembro. Foi o dia culminante do ataque alemão e aquele em que os pilotos da R. A. F. alcançaram a sua mais assinalada vitória. Nesse dia as primeiras patrulhas alemãs alcançaram a costa da Grã-Bretanha por volta das 9 horas da manhã. Duas horas e meia depois surgia a primeira vaga, composta de cerca de cem aparelhos; era seguida, de perto, por uma outra composta de cento e cinquenta aparelhos. As duas formações imponentes penetra-



O MARECHAL GOERING que comandou a grande ofensiva aérea da «Luftwaffe» contra a Inglaterra em 1940

ram sobre o território britânico por três pontos. Eram bombardeiros Do 17 e Do 115, escoltados por Me 109. Voavam a altitudes variáveis, mas elevadas.

O primeiro recontro deu-se depressa. Durou cerca de três quartos de hora. Sobre Londres e sobre Kent, a luta travou-se áspere. Cerca de um cento dos aparelhos alemães quebraram a resistência britânica e alcançaram os bairros de leste e do sul da capital. A caça inglesa apareceu de novo e os combates isolados multiplicaram-se. A área desses combates estendeu-se rapidamente e a sua intensidade cresceu. A perícia e o sangue-frio dos pilotos entraram como factor de primordial importância na decisão da luta. Entre o meio dia e o meio dia e meia hora, deram-se mais de cento e cinquenta combates individuais. Muitos desses combates transformavam-se em perseguições vertiginosas que só tinham o seu desfecho sobre as águas do Canal ou sobre a costa da França. Quando se fez o apuramento das perdas sofridas dum e doutro lado, verificou-se que o número certo de aviões alemães abatidos era de cento e oitenta e cinco. Este resultado não só excedeu todos aqueles que anteriormente tinham sido conseguidos, mas, pela sua importância e repercussões, contribuiu para que a batalha aérea de Inglaterra mudasse de curso. Do lado alemão começou a considerar-se se valeria a pena estar a suportar sacrifícios tão pesados para alcançar um resultado final (a invasão da ilha britânica) que cada vez se revelava mais distante e problemático.

Referindo-se, tempo depois, na Câmara dos Comuns, ao dia 15 de Setembro, na exposição oficial que fez sobre a batalha da Inglaterra e os seus resultados, o Primeiro ministro afirmou que ele constituiria «a mais brilhante e proveitosa de todas as jornadas travadas até pelos aviões de caça da Real Força Aérea». A sua recordação perdurará, para sempre, no espírito do povo inglês.

A ÚLTIMA FASE

No dia 6 de Outubro começou a quarta e última fase da batalha. O inimigo surgiu para a luta usando métodos desconhecidos até então e adaptando todos os seus esforços a uma nova estratégia. Os bombardeiros desapareceram quasi por completo e foram substituídos por aviões de caça e por caça-bombardeiros. Era evidente que os prejuízos sofridos pela aviação de bombardeamento do Reich não permitiam que ela continuasse a ser empregada à luz do dia, em larga escala. Por isso os bombardeiros começaram a fazer os seus vôos nocturnos, que haviam de prolongar-se sobre as cidades inglesas ainda durante longo tempo, sendo substituídos, nos ataques diurnos, mais importantes sob o ponto de vista militar, por aviões de outros tipos. Durante o dia os ataques passaram a ser confiados aos Me 110 e Me 109, os quais estavam providos dum dispositivo especial que lhes permitia descarregar as bombas voando a grandes velocidades. O número das formações empregadas diminuiu. Em geral, não contavam mais de dois a nove aparelhos. Ao fim de duas semanas estava provado que o método não conduzia a resultados mais satisfatórios do que os anteriores.

E, passada mais uma semana, em 31 de Outubro, a ofensiva da Luftwaffe sobre a Inglaterra podia considerar-se terminada sem ter alcançado os objectivos que se propusera. As perdas suportadas, dum e doutro lado, eram valiosas. Mas as perdas alemãs eram incomparavelmente superiores às do adversário. Os números oficiais conhecidos a esse respeito não permitem qualquer dúvida sobre o resultado final desta operação de grande envergadura que representava uma acção preliminar sem a qual nenhum ataque à Grã-Bretanha poderia ser desencadeado com êxito.

Ao fim de oitenta e quatro dias de luta (8 de Agosto a 31 de Outubro) a aviação germânica tinha perdido um total de 2.471 aparelhos e cerca de 6.000 aviadores. Por seu lado a R. A. F. perdeu 733 aparelhos e 375 pilotos. As razões da diferença ficam acima resumidamente expostas. As consequências da batalha foram incalculáveis. A aviação germânica passou a actuar de noite sobre a Grã-Bretanha. Os bombardeamentos indiscriminados não podiam conduzir a um resultado militar decisivo. A população britânica suportou-os, mas a sorte da batalha estava decidida desde que haviam cessado os ataques diurnos.

(Continua)

panorama internacional

TRÁGICAS VÉSPERAS

por Francisco Velloso

EM plena reacção das Nações Unidas, diante dos preparativos supremos dos exércitos do Reich e seus aliados, podemos considerar já muito curta a demora que nos separa dos grandes acontecimentos. Os da oitava claramente o indicam. Cordell Hull dizia há poucos dias que a guerra poderia vir a acabar mais cedo. Pelas armas, evidentemente, à despeito da manobra pacifista contra a qual o governo norte-americano acaba de prevenir a opinião pública, decidido como está a não desistir do seu esforço militar e naval até final da vitória.

HÁ TRÊS ANOS



CORDELL HULL
Panamá, Washington quer comprar cinquenta ilhas, porque as infiltrações japonesas e alemãs em torno do Canal dos dois oceanos tornam-se de cada vez mais visíveis e concretas.

Ali por julho de 1939, circulava pela opinião mundial uma notícia a que, nesse tempo, se bem que já cheio de rumores de guerra inevitável, pouca gente deu importância: «Para proteger o Panamá, Washington quer comprar cinquenta ilhas, porque as infiltrações japonesas e alemãs em torno do Canal dos dois oceanos tornam-se de cada vez mais visíveis e concretas».

A imprensa francesa e a inglesa destacaram o assunto e os desmentidos e rectificações de Berlim e Tóquio não tardaram. A guerra não demorou dois meses a estalar. E foram precisos dois anos bem contados para que os Estados Unidos, sentindo os efeitos de um vitorioso assalto aéreo-naval do Japão às suas bases do Pacífico, dessem razão ao seu grande chefe de Estado e ao seu secretário de Estado Cordell Hull.

No entanto, aquela notícia não era redondamente falsa. Todas as ilhas situas num raio de 2.200 quilómetros do Panamá, seriam de orante consideradas como absolutamente indispensáveis para garantir a protecção do Canal. Um senador, Lundee, tomava sobre si o encargo de apresentar a respectiva proposta na mesa do Senado, como para, muito a tempo, colocar diante de realidades inevitáveis a intransigência isolacionista daquela Câmara que persistia em seguir a mesma atitude que derrubara o presidente Wilson amortalhado no texto do Tratado de Versalhes.

Os serviços secretos norte-americanos haviam descoberto um ano antes a formidável organização de espionagem (ao depois chamada quinta coluna, em terminologia alemã de uma prova experimental feita, durante a guerra de Espanha, contra os vermelhos), e o estado-maior verificava apreensivo que havia olhos inimigos já a fitarem o Panamá. Quasi simultaneamente, notava-se

que uma sociedade de aviação alemã explorava linhas aéreas entre a costa da Colombia e Bogotá, e que uma outra sociedade, de rótulo colombiano, mas na qual só serviam pilotos alemães, estabelecera uma linha entre Barranquilla, na costa norte da Colombia, e Cristobal na zona do Canal. O Japão desenvolvia a todo o transe na república do Panamá e em numerosas ilhas do Mar das Antilhas uma política de colonização (as palavras consagradas andam, positivamente, a desnaturalarem-se) que obrigavam os observadores da Casa Branca a carregar sobrecechos. As chamadas missões científicas alemãs que apareciam nas ilhas Galapagos, outras suas. Bem depressa se verificou que alemães e japoneses já estavam instalados nas ilhas Cocos, pertencentes à Costa Rica, e na Malpelo, pertencente à Colombia. A solução, aliás tradicional, do problema foi encarada em Washington, numa compra tanto destas ilhas como das que no Mar das Antilhas, à esquerda e à direita da desembocadura do Canal podiam dominar as linhas da navegação americana, como as da Providência e de Santo André, em frente do litoral da Nicarágua. Desde 1927, os Estados Unidos tinham resolvido fortificar, do lado do Pacífico, quatro ilhas que haviam adquirido em 1911 à Colombia, e formam guarda do Canal. Mas o problema da defesa, do lado do Atlântico, no Mar das Antilhas que em Washington se considera há muito como um «Mediterrâneo norte-americano», estava ainda em aberto.

No dia 18 do corrente mês, os Estados Unidos e o Panamá firmaram um acordo para: 1.º — Permitir às forças dos Estados Unidos da América a ocupação de uma área importante no território da República para a defesa conjunta do canal. 2.º — Regular vários problemas ligados com as relações hispano-americanas, tais como a construção determinada das estradas, divisões, e a propriedade de certas instalações hidráulicas. A referência que deixamos sublinhada, a uma substituição de ligações reputadas suspeitas, é também uma face da mesma política de defesa do hemisfério ocidental.

O Panamá já tinha permitido que forças americanas ocupassem e desenvolvessem as áreas a que ele se refere, construindo posições para peças de artilharia, estações detetoras de aviões, campos de aterragem auxiliares e a grande base aérea do rio Hato, a cerca de 120 quilómetros do Canal.

Anunciando o acordo, o Departamento de Estado lembrou que o Panamá declarou guerra às nações do «eixo» imediatamente após o ataque a Pearl Harbour e que desde então o governo do Panamá tomou muitas medidas efectivas que demonstram o seu desejo de assumir rapidamente todas as responsabilidades, associando-se à defesa do Canal. O Departamento de Estado

classificava o novo acordo como importante contribuição para a segurança do canal e defesa do hemisfério.

UMA SITUAÇÃO EQUIVOCA



LAVAL

Há oito dias, tinham chegado à Martinica os delegados norte-americanos, o almirante Hoover e Samuel Silver, do Departamento dos Negócios da Europa, para, dentro desta mesma política, chegarem a acordo com o almirante francês Robert sobre a revisão do Estatuto das Antilhas Francesas, golpe que vinha repercutido do desembarque dos ingleses em Madagascar, com o apoio dos Estados Unidos, desde o dia 5. Marcha acelerada, portanto, como há muito se não via, nas chancelarias das nações condutoras do bloco aliado. A 15, as negociações ainda prosseguiram, acreditando-se em Washington que os Estados Unidos «conseguirão ser satisfeitos, em muitos pontos, das suas reclamações que mais o interessam». Na véspera já haviam sido imobilizados os navios de guerra franceses. As negociações ampliavam-se à Guiana Francesa. Mas o aspecto principal destas é o que revela a sua influência nas relações entre Washington e o governo de Vichy e mais ainda na posição deste, por um lado dentro da equação da guerra, por outro diante do sentir recrescente da opinião popular contra o invasor e ocupante. De Clermont-Ferrand no dia 13, uma informação da agência oficiosa francesa reconhecia que «a França (isto é o governo de Laval) encontra-se perante uma série de problemas internacionais que tornam a sua situação bastante delicada». O caso não é para menos, desde que Cordell Hull se recusou a tratar com Vichy e a receber protestos desta procedência. Debalde aquela agência insistia que não houvera (?) contactos entre Laval e Goering, para advertir logo depois que «as conversações franco-alemãs terão sobretudo carácter técnico». Não ficava menos a sobre-nadar a informação dada no dia 9 — e certamente autorizada — pelos jornais de Madrid «ao que, depois do desembarque das tropas britânicas em Madagascar, o Reich exigiu que o governo de Vichy lhe desse amplas garantias de que está em condições militares de proteger os pontos do seu Império, principalmente, os de África».

Sabe-se que a esquadra francesa do Mediterrâneo recebeu novas ordens do almirante Darlan no sentido de exercer activa vigilância ao longo das bases africanas francesas e de estar preparada para romper imediatamente fogo, se fôr necessário.

Os incidentes com aviadores fran-

ceses ao largo da costa argelina representarão, depois das sucessivas conferências de Laval em Paris, o que se chamaria da parte do governo de Vichy, um começo de execução de represálias. A 17, em Washington, admitia-se que os Estados Unidos estivessem dispostos a romper abertamente com Laval se este obstasse à conclusão de um acordo entre o almirante Robert e os delegados do governo norte-americano. Dos sentimentos de desconfiança deste não havia que duvidar, encerrando os serviços da agência telegráfica francesa «como medida de segurança externa e interna», fazendo o ilaqueamento da acção Consular de Vichy, gesto que o governo do Canadá repetia a 21 por meio de um convite a Vichy a fim-de que mandasse fechar os seus consulados por serem considerados motivos de suspeitas.

Laval, podia, porém, aprontar um rompimento aberto? A opinião nos meios mais chegados a Pétain não concordaria unânime com semelhante decisão. Ao passo que Doriot continua a proclamar a guerra à Inglaterra, Maurras, ainda a 16, cujas achegas ao marechal são notórias e consabidas, não hesitava em combater uma quebra de ligações: «O almirante Leahy partiu para a América. Não é meterno-nos indevidamente nos dedicados negócios internacionais se formularmos o desejo, mesmo céptico, mesmo desesperado, em favor do seu regresso e se emitirmos o voto de que as relações franco-americanas não se rompam. Seja como fôr, não temos o direito de esquecer o que houve de amigável e benéfico na missão de Leahy, nas suas intervenções pessoais em favor do nosso abastecimento, nas diligências repetidas, incessantes, que teve de fazer contra as consequências do bloqueio».

Visivelmente para se desembaraçar de responsabilidades, Laval fez publicar as reclamações norte-americanas e a resposta d'ele, Laval. Naquelas há, porém, a destacar que os Estados Unidos, no caso de não se chegar a acordo, ocupariam as ilhas até ao fim da guerra. A posição de Laval é pois, mais do que equívoca, diante da intransigência de Washington que «não pode considerar-lo como representante da livre vontade da França» e perante as pressões alemãs fundadas nas cláusulas do armistício. Virginio Gayda voltava a asseverar há dias no *Giornale d'Italia* que, em consequência da Conferência de Salzburgo, «a Alemanha apoia as aspirações italianas». Os ingleses reforçavam de tropas o contingente desembarcado em Madagascar, onde os partidários de Vichy procuram resistir, em evidente ligação com a política lavalista, no interior da ilha e nas portas do sul, onde, com apoio nessa resistência, os japoneses ainda poderiam vir a tentar uma irrupção. O Mundo de Madrid, veio bater palmas, à atitude do comandante Anet, mas teve de reconhecer que, se os anglo-americanos não descessem em Madagas-

car, ficariam (evidentemente segundo os planos germano-nipônicos que são conhecidos assásim na capital espanhola e por essa revista) em situação desesperada.

Razão a mais para que a atitude de Laval deva ser integrada nas decisões alemãs nesta fase da guerra, — pois conta com elas.

A FEBRE



CHANG KAI-CHEK

Estas decisões são de premente realização. A produção americana para a qual a China apela com instâncias pelas vozes do marechal Chang-Kai-Chek e do seu embaixador Wellington Koo, nos Estados Unidos, torna-se realmente febril. Quasi dia por dia, os jornais trazem-nos informações acerca de planos e médias de produção efectiva que atestam essa febricitação elevada a um limite vertiginoso. Donald Nelson, presidente da Repartição da Produção de Guerra, deu no dia 18 a medida em que vai essa vertigem ao anunciar em Nova York que não podendo a América continuar a aumentar indefinidamente a sua produção sem que, mais tarde ou mais cedo, corra para o risco de uma deficiência de matérias-primas, é de prever que no próximo outono ela atinja o máximo bastante.

Dias antes, William Green, presidente da Federação Americana do Trabalho revelava que a produção de «tanks» excedia já a do Eixo. Van Keuren, o contra-almirante que chefia a Repartição da Marinha declarava que estavam a ser construídos submarinos em série, ao mesmo tempo que a Casa Branca podia afirmar que de 1 de janeiro deste ano até 10 do corrente mês, foi feita a entrega de 120 por cento de navios mercantes mais do que os estaleiros construíram durante todo o ano de 1941. Ford planeia por pronto a partir de junho um bombardeiro quadrimotor por hora, fora da sua nova fábrica. A produção não ultrapassará o meado de 1943, estabeleceu o Departamento da Produção de Guerra, o que significa que quasi dois terços da produção de guerra planeada, será abandonada, pela necessidade de se conservarem as matérias-primas e pela convicção de que o desenvolvimento das operações até ao fim do verão devem marcar a viragem para o fim da guerra. Portanto, clamava o administrador da Segurança Federal de Indianápolis, um exército industrial de 17 milhões de trabalhadores vão produzir 1 avião de quatro em quatro minutos, 1 «tank» todos os 7 minutos, 2 navios mercantes de dez mil toneladas por hora, afirmação que o almirante Stark repete em Londres.

Estes exemplos chegam para descrever a visão do esforço norte-americano, sob a ditadura económica de Roosevelt que o ministro da guerra Paterson justificadamente exaltava no dia 20 perante a Assembleia anual da Comissão Nacional das Indústrias reunidas em Nova York, com o aplauso do ex-presidente Hoover, ali presente, um dos chefes da opposição até ao assalto nipónico a Pearl Harbour.

Durante muitos anos, os humoristas chacotearam dos planos norte-americanos. A guerra veio congelar essas boutades e caricaturas. Embora descontando-se o que parece exagerado, nos números ainda fica muito para pasmo dos mais descrentes no prodígio do trabalho de um país como os Estados Unidos.

O RECOMEÇAR DAS OPERAÇÕES



CRIPPS

O aceleramento deste trabalho entra no ritmo dos acontecimentos que se avistam em todos os teatros da guerra.

Milhares de soldados norte-americanos desembarcaram no dia 19 na Irlanda, dum comboio de 20 navios, protegidos pela esquadra e pela aviação, que atravessou o Atlântico sem risco, o que confirma a declaração de Roosevelt de que as forças dos Estados Unidos estão envolvidas a fundo «em novos pontos da luta mundial», e a de Cripps no mesmo dia 17 em Bristol de que o governo inglês está tão ansioso como o povo britânico, de que a ofensiva se realize no momento próprio.

Não pode o alto-comando alemão deixar de estar atento a estes factos. E as perspectivas dos ataques nipónicos na Birmânia e quasi na fronteira da Índia na altura em que os reforços chegados da América encontram em plena organização o exército nacional de Wavell, dentro de um levantamento patriótico cujo impeto já obrigou o chefe do Partido do Congresso, o dr. Azad, a querer entender-se em transigência com o Partido Muçulmano, muito mais atido à Inglaterra, — primeiro fruto evidente do formidável trabalho de Cripps nas negociações e conferências de Nova Delhi. Insta o almirante Stirling por um ataque ao mar de Bengala, mas os acontecimentos do Oriente vão a encaminhar-se para importantes decisões, como aliás surge diante de um inimigo que se prepara para tudo, inclusive para repetir o seu assalto à Austrália, conforme aviso dado pelo presidente Curtin em Sidney, para a próxima quinzena.

O auxilio japonês seria claramente mais eficaz na Sibéria. Mas Tojo avançará até tanto? A chegada do novo embaixador russo a Tóquio era noticiada de lá como pródromo de negociações sobre questões económicas pendentes. E isto pode querer significar que o Japão, envolvido nas campanhas do Sul, não arrostará, imediatamente, com uma ofensiva na fronteira do Manchuro, para cuja linha, segundo os informadores das agências, arrastá já efectivos de tropas e material.

E no entanto, começam a reosar as horas em que esse auxilio será valioso para a Alemanha. A violenta irrupção alemã na Crimeia sobre a península de Kerch, só parcialmente obteve êxito, porque não desalojou de lá os russos, afincados em derradeiras posições. Do outro lado da garganta de entrada no Mar de Azov, os russos ergueram enormes fortificações em defesa do Cáucaso. E se tal irrupção levava destino de romper por ali assalto à região caucásica, chamando sobre si o alarme do inimigo, não obteve a realização do objectivo porque Timochenco lançou-se com uma massa de dois milhões de soldados sobre Von Bock obrigando-o diante de Karkov a dar e sofrer uma batalha que dura há muitos dias e na qual se fundem reservas alemãs necessárias para a ofensiva que há longo tempo se prenunciou como prova do Supremo Comando de Hitler. O marechal russo não logrará como intenta, aprofundar o seu avanço sobre as proximidades de Krasnograd contra o qual o marechal alemão lançou uma contra-ofensiva sobre a reentrância da frente que se encurva para Tangarog. Mas o efeito des-

gastante da batalha está já à vista, e neste momento talvez seja esse e não o das vitórias fulminantes que mais interesse ao aliados — precisamente o contrário do que o Führer deve desejar.

SINTESES



VON BOCK

Um telegrama reproduzindo parte de um artigo acerca da batalha de Karkov, no dia 21, isto é quando ainda não resultara, reacção lateral de Von Bock sobre Izium, para contrarrestar a ameaça dos russos por Krasnograd e Dienepetroi, sobre as linhas de comunicação com a Crimeia onde núcleos russos se batiam como agarrados ao chão nas abas de Kerch cuja península dias depois evacuará — punha-nos diante dos olhos como objectivo de Timochenco, não resultados estratégicos imediatos, mas o de «sangrar o inimigo o mais possível», conservando a todo o transe a iniciativa do ataque e absorvendo-lhe ao máximo as reservas. É de lembrar que os criticos militares franceses (competentíssimos e até justiceiros a mais não, contra os próprios ingleses) que de Londres apreciam os acontecimentos — tal como em Portugal o sr. Coronel Lelo Portela — assemelham essa finalidade de desgasta da parte do marechal moscovita à do plano de Foch diante de Ludendorff antes da grande ofensiva que lhe deu a vitória. Estaremos ainda longe de tal momento, se os alemães agüentarem a erosão, mas não é despidiendo verificar que o comandante em chefe russo rematava a sua proclamação em ordem ao exército de frente e às guerrilhas infiltradas nas retaguardas germânicas com estas palavras cuja brutalidade é bem própria desta guerra: «Mate quantos alemães puderem». Não nos espantemos. Von Nering, o bravo general alemão que, sob a chefia de Von Bock, se atirou contra Moscovo, ordenou: «Não há prisioneiros», o que deu aso a que os russos lhe applicassem a lei de Talião, embora Hitler no seu discurso de 3 de outubro do ano passado lhes chamasse *animais e bestas*.

Aquela ideia de *sangrar o inimigo* tem, porém, um alcance muito maior do que do contido nesse verbo cruel. É que, premedite Hitler repetir o ataque frontal de 1941 ou usar da estratégia indirecta de circunvolvimento pelo Próximo Oriente ou pelo Egipto, cortando a via imperial britânica, a condição preliminar é a destruição do exército russo ou a sua repulsão das regiões onde ele pode abastecer-se. Sangrar o exército alemão é, pelo contrário, para Timochenco tirar-lhe o poder ofensivo para a execução daquele plano. A batalha de Karkov aparece assim, bem no centro do plano alemão, mas imposta pelo comando russo. Dir-se-ia que toda a guerra confluía entre o Donetz e o Dnieper. Numa entrevista ao *Informaciones* de Madrid em agosto do ano passado, Goebbels relembrou: «A guerra contra a União Soviética é a condição prévia da luta final contra a Inglaterra». E nós acrescentaremos: e contra os Estados Unidos.

Os últimos comunicados alemães parecem confirmá-lo ao substituírem a expressão «ofensiva da primavera» pela de «ofensiva do verão».

Sem que essa batalha formidável se decida a seu favor, como pode Hitler arrojarse para o Norte de África ou para a Síria? Como será

possível arrastar o Japão para uma ofensiva a fundo sobre a Rússia, se, ocupado Madagascar, enquanto durar o inverno manchú, enquanto, e de cada vez mais, ele tiver de criar protecção contra um possível ataque anglo-americano partido de bases que as esquadras nipónicas não destruíram, enquanto ele tem de se precaver muito a sério contra o reacendimento de uma ofensiva da China, reforçada pelos Estados Unidos? A frente russa no Extremo Oriente — escrevia há pouco com sobradas razões Robert Vacher — por sua vez se articula na frente da Birmânia. Da mesma maneira que para poderem atacar ao Próximo Oriente os alemães têm previamente de enfraquecer os exércitos russos do Ocidente, assim para concentrarem o necessário esforço na frente russa do Extremo Oriente, têm os japoneses a necessidade de reduzir primeiramente os exércitos chineses.

O SISMÓGRAFO DE DEUS



PIO XII

Enquanto assim oscilam os acontecimentos — enquanto assim lutam entre os acúleos das incertezas as almas de todos os povos da terra — palavras da maior autoridade espiritual do mundo vieram, no meado do mês, cair sobre eles e elas como som orientador. O Cardinal Pacelli foi um dos maiores diplomatas não só da Santa Sé, mas das chancelarias internacionais; Pio XII guarda vivíssimo o talento desse que manteve o facho de Mariano Rampola, nos dias gloriosos de Leão XIII. Por motivo das comemorações do seu jubiléu episcopal, o Papa dirigiu mensagem ao mundo. E disse: «Que dado o estado de coisas, as propostas para uma Paz justa teriam pouca esperança de êxito e corriam o risco de ofender um ou outro dos partidos, porque ao passo que uns contam com os resultados obtidos os outros confiam nos combates futuros. «Mas — acrescentou o Pontífice — todo o conjunto de forças de ganhos e perdas no campo político e militar, não deixa entrever a possibilidade prática da Paz, dado que as destruições causadas pela guerra se acumulam, a tal ponto que se torna necessário reunir todos os esforços para pôr fim ao conflito».

Andavam por essa altura manobras de sondagem em Washington, as quais, pelo cunho que traziam, não tiveram o menor êxito. O ponto de vista de Pio XII paira mais longe e de mais alto: A guerra de hoje traz a rugir em seus flancos inferniaesdores a gestação do mundo de amanhã. A Paz tem já por condição a Justiça, como a Justiça pressupõe a Liberdade. E o Papa, é para essa hora que aponta: «Para a cooperação depois da guerra, na imensa obra de reconstrução material e moral do Mundo».

Vinte e dois milhões de homens e mulheres inglesas de todas as classes, unindo o povo e as aristocracias, trabalham nas bancadas das oficinas, o exército oculto que dinamiza o esforço dos sacrificios nas frentes do ar, da terra e do mar. Dias depois, Goering, voltado para a retaguarda alemã em sofrimentos e transe iguais, apelava: «A campanha de inverno foi terrível. Atrás de nós havia apenas um montão de ruínas: por isso tivemos de manter a frente. Falo-vos, agora que chegou a primavera, para que possais com-

(Conclue na pág. 17)

Onde pode vir a ser desencadeada

por Carlos Ferrão

ONDE será desvencada a próxima ofensiva? Quem a desencadeará? Que meios serão utilizados para a levar a cabo? Das declarações e itas, recentemente pelas nações aliadas, parec-

mo restar dúvidas de que a sua disposição continua a ser a de se manterem numa defensiva cautelosa esperando que a superioridade material do bloco internacional que dirigem se torne decisiva. Essa superioridade material deve ter a sua origem no aumento crescente das construções norte-americanas.

Os aliados, entretanto, têm concentrado poderosas formações militares que lhes podem permitir passar, no momento próprio, da defensiva a ofensiva. Essas concentrações estão realizadas nos seguintes pontos: na ilha britânica, no Médio Oriente, na Austrália. Se conjugarmos a sua acção, possível num futuro próximo, com a importância dos exércitos russos e chineses é fácil concluir que o potencial militar das nações aliadas em homens, quando servido por uma superioridade material suficiente, é susceptível de transformar o curso da guerra.

Do lado dos aliados as operações com carácter ofensivo, de proporções mais ou menos avultadas, a considerar imediatamente, são apenas as seguintes: um ataque aéreo em massa das formações anglo-americanas que estacionam na Grã-Bretanha; um desembarque possível de contingentes americanos e ingleses nas costas da Europa; uma ofensiva das tropas comandadas superiormente pelo general Auchinleck que estacionam no Egipto e na parte da Líbia ocupada (5º exército sob o comando do general Ritchie).

A vantagem da iniciativa, de uma forma geral, pertence neste momento ainda às potências signatárias

a anunciada OFENSIVA DA PRIMAVERA?

do pacto tripartido. A superioridade das nações unidas reside, fundamentalmente, na existência de linhas de comunicação mais ou menos fáceis, que permitem o fornecimento de material americano aos seus aliados. Por outro lado, os países signatários do pacto tripartido, separados por longas distâncias como os seus adversários mas sem comunicações, beneficiam da vantagem de ocupar uma parte central e de agirem por linhas internas.

Compreende-se assim que o objetivo principal da estratégia alemã,

do Reich, do Japão e da Itália, consista em cortar as linhas de comunicação do adversário (Atlântico, Índico, Oceano Árctico) em procurar, simultaneamente, estabelecer entre aqueles países um sistema de comunicações eficazes (terra-oceno contínuo entre os exércitos alemães partidos do Cáucaso e os exércitos japoneses partidos da Birmaníia).

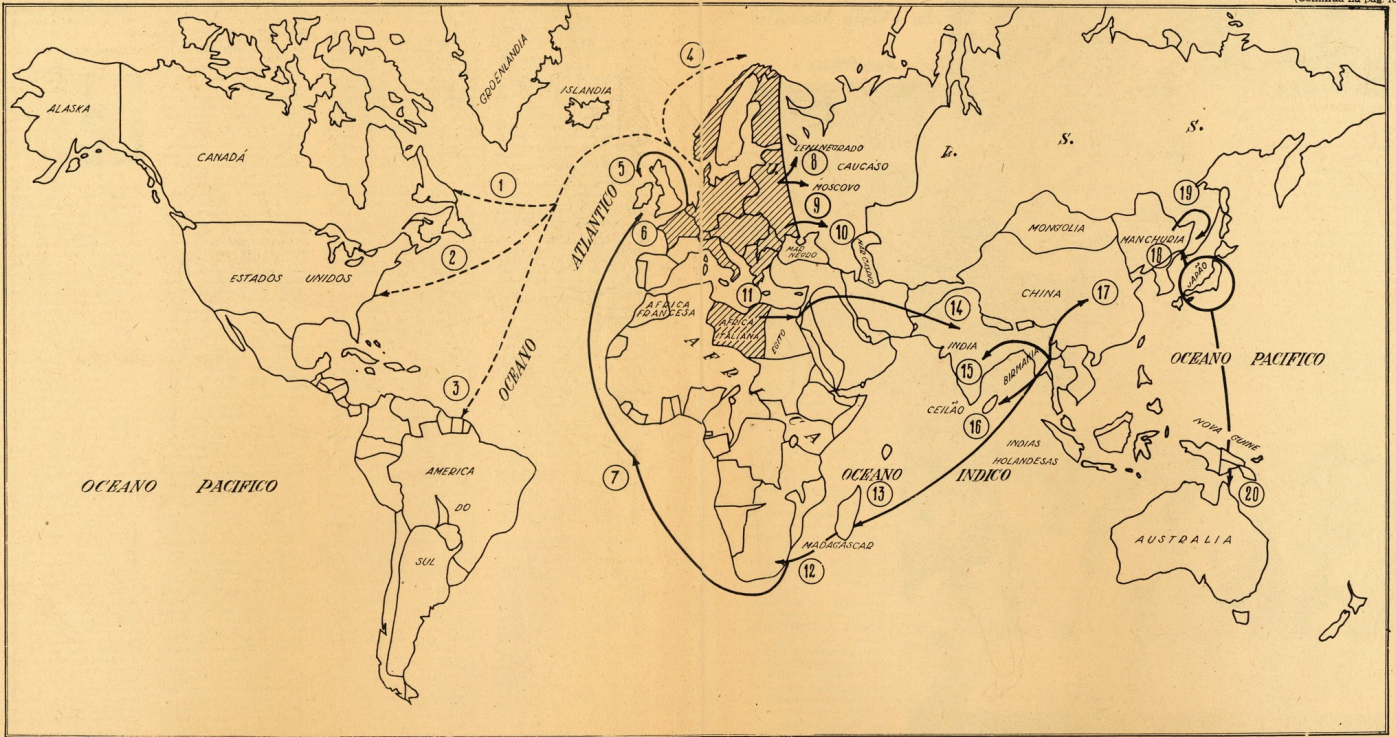
Sob o ponto de vista militar pode altamente dizer-se que nunca, em período nenhum da história da humanidade, se encorou a realização duma tarefa tão gigantesca. A Índia seria o ponto de convergência esco-

lido e a situação militar d'esse país assume, por isso, uma importância excepcional. Vejamos quais serão as iniciativas que podem ser tomadas pelas potências signatárias do pacto tripartido, verificando que a extensão do conflito actual, que hoje abrange praticamente todo o mundo (continentes e oceanos) lhe dá características únicas na história.

O mapa que publicamos nas páginas centrais permitirá seguir

o andamento dessas iniciativas, possibilitando o leitor a encetar diversas hipóteses que devem ser postas, dentro dum prazo de tempo relativamente curto. Encusado será acertado que o potencial militar dos beligerantes não permite que elas sejam simultâneas, devendo os respectivos Estados Maiores escolher entre as possíveis aquelas que puderm ser simultaneamente tomadas e oferecerem maiores probabilidades de êxito.

(Continua na pág. 16)



Vida Mundial



A «Comemoração
dos 50 Imortais da
Calçada da Glória»



Uma organização
da «Vida Mundial
Ilustrada»

CONSTITUIU um verdadeiro acontecimento literário e artístico de Lisboa, a «comemoração dos 50 Imortais da Calçada da Glória». Esta comemoração constava da abertura da exposição dos originais das 50 caricaturas de Zéco publicadas na nossa página «Calçada da Glória» no decurso do 1.º ano de existência desta revista e de uma biografia de cada um dos caricaturados feita na ocasião, e de viva voz, pelo dr. Luís de Oliveira Guimarães. Idéia original, o seu êxito foi absoluto.

Levada a efeito num dos amplos salões do Ateneu Comercial de Lisboa, gentilmente pôsto à nossa disposição para esse fim, a ela assistiu, interessada e sorridente, uma verdadeira multidão. Mais de 500 pessoas estavam presentes — e entre elas se viam advogados, médicos, jornalistas, escritores, artis-



tas, dos mais representativos do nosso meio. Assistiram também alguns dos caricaturados. Com o seu admirável espírito de humorista, o dr. Luís de Oliveira Guimarães houve-se muito bem. A assistência aplaudiu — e sorriu. Zéco também foi muito apreciado pelos seus trabalhos, os trabalhos de um grande artista da caricatura. Parada de consagração de «imortais» — eles tiveram também, feita pelo público, a sua merecida consagração.

Algumas das biografias foram feitas em verso — e os versos lidos pela gentilíssima atriz Maria de Oliveira.

A exposição, que tem sido visitada por milhares de pessoas, continua aberta até domingo próximo. A entrada é livre.

Nesta página publicamos três aspectos gráficos da «Comemoração dos 50 Imortais da Calçada da Glória», pelos quais os leitores poderão avaliar do interesse com que foi acolhida esta organização da «Vida Mundial Ilustrada». Com esse êxito nos regozijamos também.

O problema da Índia

Visto por um apaixonado pela Índia

Uma crônica de Felix Beruendes

O problema a várias incógnitas, a cuja solução está dependente a autonomia da Índia, é mal conhecido em todo o Mundo, pois o próprio povo indiano vive, na sua maioria, alheio a ele. Aos portugueses, porém, cuja árvore imperial cobre, com os seus ramos, algumas geiras da terra hindustânica, convém, mais particularmente do que a qualquer outro povo, medir em profundidade as raízes deste acontecimento de tão actual relevo. A Grã-Bretanha é a nossa aliada de todos os tempos; a Índia foi o cenário onde se desenrolaram quadros da História Portuguesa que dominaram a História do Mundo; não nos basta, portanto, delizir sobre o incidente um olhar superficial.

A grande dificuldade em improvisar a independência, a que aspira o povo hindu, não reside na hesitação da Inglaterra em a conceder, mas na impossibilidade em que se encontra a Índia de a aceitar. Muito se tem já dito da estrutura fragmentária do Hindustão, como aglomerado de nações; mas esse obstáculo remover-se-á praticamente, com a organização de uma União de Estados. Também tem sido largamente glosado o mote da multiplicidade de línguas, de raças e de religiões; mas, embora esses factores obriguem a ponderação, eles nunca impediram as populações de se entenderem e acomodarem. Quem não se entende nem procura entender-se, são os chefes indianos, que se obstinam em recusar toda a colaboração uns com os outros, para o reajustamento dos interesses gerais da Índia, dentro de um plano de conjunto. Cada margate pretende para si e para a sua facção uma hegemonia que os outros repelem indignadamente. É esta a grande fonte de conflitos que a paciente missão de Stafford Cripps acaba de pôr flagrantemente em foco, perante o mundo inteiro.

Mas, se é difícil improvisar um Estado Federal e construir o edifício jurídico que harmonize a vida colectiva de tão heterogêneos elementos sociais, mais difícil se torna ou até impossível criar do nada outros factores essenciais, que a crítica internacional tem deixado na sombra:

No campo da economia nacional, a Índia não tem organização financeira, erário público, capital do Estado, rede bancária própria; também não possui corporações aduaneiras e fiscais, casas de moeda, circulação fiduciária, bolsas e câmaras de comércio, que possam amputar-se à administração britânica.

No domínio militar, não tem exército, nem marinha, nem aviação, nem armamento com que possa enfrentar uma incursão dos aguerriados vizinhos que a espreitam; também não tem instrutores

militares, escolas de guerra nem quadros apreciáveis de oficiais, que lhe permitam dispensar a colaboração inglesa. Não dispõe de polícia em número e qualidade suficientes para jugular esses tumultos sangrentos que estão sempre latentes entre maometanos e hinduístas.

Na esfera das relações exteriores, falta-lhe em absoluto o corpo diplomático e a rede de estações



Sir Stafford Cripps num momento de preocupação, durante as suas recentes diligências na Índia

consulares, sem a qual não seria possível manter o comércio de importação e exportação de que a Índia vive. E na torrente comercial, parar é morrer.

Na indústria de transportes, quasi tudo está dependente de mãos estrangeiras: linhas ferroviárias; carreiras de navegação marítima, fluvial e aérea; correios, telégrafos e telefones; construção de automóveis, abastecimento de carburantes e lubrificadores.

Na vida administrativa, todas as direcções, todas as chefias, todos os altos cargos estão confiados a ingleses. A nação indiana dispõe, inquestionavelmente, dos elementos precisos para organizar uma hierarquia burocrática, mas não a possui de facto.

Forçoso é, portanto, reconhecer que o primeiro passo a dar para tornar possível a independência da Índia, seria a montagem, peça por peça, de todas as máquinas ministeriais imprescindíveis à vida de uma nação, avultando essencialmente os seis Ministérios, da Fazenda, Guerra, Marinha, Estrangeiros, Interior, Obras Públicas e Comunicações. Ora, ministros e ministérios não se improvisam com a mesma penada com que se assina um Estatuto novo. E ainda que se improvisassem, não seriam acatados pelas populações que tendem a dissociar-se, desde que fôsse interrompida a corrente de força exterior que mantém a unidade.

Para se compreender, portanto, que não tenha sido possível resolver até hoje, este complexo de dificuldades, não é mister agravá-lo com a presunção de falta de sinceridade, por parte do governo inglês.

Essa presunção desvaneceu-se com as aturadas diligências de Stafford Cripps e o testemunho insuspeito do representante de Roosevelt, coronel Louis Johnson, que terminantemente elucidou a opinião americana.

Se a Administração inglesa evacuasse a Índia, levando tudo que lhe pertence e abandonando aquele domínio à sua independência e consequentes embaraços, seria a guerra civil, a fome, a invasão e a escravatura. Retirar com as mãos vazias, fazendo presente à Índia de tudo quanto lá acumulou, em séculos de trabalho organizado, é outra hipótese que atravessaria talvez, o espírito dos ingenuos caudilhos da resistência passiva, mas não pode passar as fronteiras da fantasia.

Foi no final do século XVI, com Portugal manietado pela dominação espanhola, que a rainha Isabel concedeu Carta à primeira Companhia comercial inglesa, para se estabelecer na Índia. Em competição, desde essa época, contra muçulmanos, holandeses, espanhóis, dinamarqueses, alemães, franceses e suecos, os ingleses foram levando a melhor na infiltração da sua influência na Índia, até a encorporarem na coroa da rainha Vitória. A epopeia militar dos ingleses, na Índia, está profusamente ilustrada,

como a nossa, de rasgos heróicos. As lutas diplomáticas, principalmente contra o argúcia francês, foram exaustivas e dispendiosas. A Alta Birmânia teve de ser anexada, como consequência dessas lutas, para defender vidas e haveres, e pôr a recato a fronteira indiana. Rios de ouro e rios de sangue se verteram em missões diplomáticas e expedições militares. Não seria lógico admitir que o Império Britânico saltasse de mão, sem prémio nem proveito, o fruto amadurecido ao sol de tanto esforço organizador.

É certo que a Inglaterra impôs aos Estados hindustânicos uma colaboração que eles lhe não pediram; mas, sem essa intervenção providencial, aquele frívolo aglomerado político, acossado pelos que de dentro lhe disputavam o mando, e pelos que de fora lhe cobigavam as riquezas, ficaria esfacelado, como um grande antilope, entre as presas duma matilha.

Quem manteria a integridade da Índia contra os perigos internos e externos? Os visionários como Gandhi, alheados das realidades humanas, em sonhos de Nirvana? É com «resistências passivas» que ele sustaria o avanço de povos brutais

(Continua na pág. 17)



O Presidente do Congresso, Azad, que rejeitou as propostas britânicas, em nome dos partidos hindus, ouvindo um dos novos «leaders» indianos, Mohamed Ali Khan, primeiro ministro do Punjab,

A OFENSIVA DA PRIMAVERA

(Continuação das páginas centrais)

Ofensiva submarina. (1) (2) (3) (4)

Os submarinos alemães procuram interceptar os fornecimentos de material às nações aliadas. Actuam, por isso, junto às costas do continente americano (1) (2) (3) desde o Canadá às repúblicas sul-americanas, tendo substituído esta tática à dos ataques a comboios no alto mar. Simultaneamente a arma submarina alemã, actuando na costa do Ártico (4), esforça-se por evitar que o material de guerra anglo-americano chegue ao porto de Arkangel e continue a alimentar a resistência das tropas soviéticas.

Invasão da Inglaterra (5)

Esta hipótese é sempre de considerar. Em Berlim, por mais duma vez, se tem anunciado que a ofensiva será desencadeada no momento próprio e em sitio onde o adversário a não espere. No seu último discurso, o Primeiro Ministro da Grã Bretanha anunciou que na frente leste se não têm registado ainda as poderosas concentrações de tropas que costumam preceder os ataques possíveis da Wehrmacht. Quis assim significar aos seus compatriotas que devem estar incessantemente prevenidos contra qualquer surpresa, por pouco provável que esta se revele. A Grã Bretanha dispõe, para a sua defesa, dum total de quatro milhões de homens (número referido por Lord Halifax no seu discurso em Washington) sendo dois milhões e quinhentos mil da «Home Guard» e um milhão e quinhentos mil do exército. Estes últimos, com as suas tropas especializadas («Comandos») e a sua aviação poderosa constituem um instrumento, ao mesmo tempo, defensivo e ofensivo. Nas condições actuais, um desembarque de tropas do «eixo» em território britânico parece pouco provável.

Frente leste (8) (9) (10)

A frente oriental da Europa, estendendo-se ao longo de dois mil quilómetros. Parece impossível considerar a possibilidade duma ofensiva uniforme em tão grande distância. Os sectores da ofensiva provável mantêm-se os mesmos que havia quando em 7 de Dezembro de 1941, o exército alemão passou à defensiva. No sector de Leninegrado (8) os alemães que continuam em Schlussemburgo podem tentar de novo o investimento da cidade, embora a operação pareça agora mais difícil do que no começo do inverno. No sector de Moscovo (9), os russos conseguiram desafrentar a sua capital, mas os alemães mantêm a posição extrema de Rjev de onde podem desencadear um novo ataque. O sector sul, que inclui a Crimeia e o Cáucaso (10) é o que de momento, aparece mais agitado. É também o que oferece maiores probabilidades duma acção rendosa, sob o ponto de vista militar e económico, embora as suas dificuldades não sejam ignoradas do Alto Comando Alemão. De qualquer maneira a conquista e a ocupação do Cáucaso, com as suas enormes riquezas, parece ser o objectivo que maior atracção exerce no espirito dos atacantes.

Frente africana e Próximo Oriente (11) (14)

As próximas flutuações da frente

africana devem considerar-se em função das operações na Rússia. Uma iniciativa isolada do general Rommel (11) no sentido de ocupar o Egipto e alcançar o Suez estaria, de ante-mão, votada a malogro total. As condições climáticas no Norte de África tornam, desde já, pouco provável uma operação desta natureza. A experiência da última conflagração demonstrou que a conquista do Canal e da região estratégica limitrofe tem de ser realizada por uma acção conjunta (manobra em tenaz) conduzida dum lado pela Líbia, do outro pela Síria e pela Palestina. Foi compreendendo o sentido profundo dessa lição que os ingleses colocaram as forças imperiais que estacionam entre a Líbia e o Índico sob um comando único (General Auchinleck) que tem às suas ordens dois exércitos, o 9.º (Quartel General no Cairo) e o 10.º (Quartel General em Bagdad). Desde que não consigam penetrar no Próximo Oriente (conquistando primeiramente o trampilim de Chipre ou tendo a Turquia como aliada) os alemães verão o harmónio da Líbia funcionar a favor do seu adversário a coberto da protecção que lhe assegura a esquadra do Mediterrâneo Oriental.

As ofensivas que têm como centro de irradiação o Japão podem dividir-se em dois grupos. Ofensivas próximas e ofensivas longínquas. As primeiras dizem respeito aos interesses específicos do arquipélago nipónico e podem exercer-se no continente asiático ou no continente australiano. As segundas só são de considerar desde que o Japão esteja decidido a sacrificar tudo para entrar em contacto com os seus aliados facilitando a pesada tarefa que lhes incumbe.

Consideremos as primeiras.

Ofensivas no continente asiático (17) (18) (19)

Os principais adversários do Japão continuam a ser a China e a U. R. S. S.. A guerra a fazer para as dominar é uma guerra de tipo continental em que a aviação e as forças motorizadas devem ter o primeiro papel. A ofensiva contra a China (17) partindo da Birmânia, iniciou-se agora e depara com uma viva resistência dos chineses.

Quanto à Rússia, apesar do pacto de não agressão nipo-soviético de abril de 1941, é sempre possível um ataque japonês contra as forças soviéticas do Extremo Oriente.

Este ataque pode partir do Manchuco procurando aniquilar o exército russo do Extremo Oriente (19) ou partir do arquipélago japonês em direcção a Vladivostok (18) procurando anular este baluarte do poder russo na Ásia. É também de admitir a possibilidade de um duplo ataque nas condições que acima ficam indicadas.

Ofensiva contra a Austrália

A batalha do Mar de Coral, que como todas as batalhas em que uma esquadra não aniquila a esquadra do adversário deve ter terminado por uma dispersão de forças, deteve, de momento, a progressão nipónica no sentido do continente australiano. Instalada na Nova Guiné e tendo ao seu serviço no Pacífico sul uma

FALA-SE ESTA SEMANA DE...

ENGENHEIRO DUARTE PACHECO



Que há dias recebeu as homenagens de diversas individualidades e entidades por ter passado o quarto aniversário do seu segundo período ministerial. O sr. engenheiro Duarte Pacheco tem, na realidade, desenvolvido uma acção notável, sendo justíssimos todos os louvores que lhe são rendidos. À frente da Câmara Municipal de Lisboa e, depois, no Ministério das Obras Públicas e Comunicações, criou uma obra que fica assinalada em centenas de realizações de grande alcance nacional e que bem se patenteia em melhoramentos de interesse público efectuados na capital e na provincia.

CARLOS LEAL



Artista de incontestáveis qualidades, que no teatro conquistou um lugar de merecido relevo, publicou recentemente um volume de memórias que está a obter um incontestável êxito de livraria. São duas centenas de páginas que se lêem com manifesta curiosidade, e onde passam a ironia e a saúde, de braço dado uma com a outra. O livro chama-se «Água-forte», título que cheira a escândalo. Segundo, de certo modo, a tradição do seu primeiro livro de memórias, «Demolindo», Carlos Leal, «compêre» desta eterna revista que é a vida, apresenta-nos uma série de figuras e de factos que a sua verve e a sua observação vão comentando, página a página.

GUILHERME CARDIM



Que pronunciou recentemente na sede do Grupo Desportivo Estoril Plage uma interessante conferência sobre «O homem na vida profissional». Distinto industrial, figura em evidência no meio hoteleiro, culto, viajado, empreendedor, o sr. Guilherme Cardim — de quem o sr. dr. Marques Guedes fez a apresentação em termos calorosos — desenvolveu nesta sua conferência as vantagens morais, económicas e sociais do aprendizado e da valorização técnica. Fêz o elogio das escolas profissionais e dos institutos de orientação e citou o que, sobre o assunto, se faz no estrangeiro

fracção importante da sua esquadra os japoneses podem renovar essa iniciativa. As concentrações de homens e de material de guerra tomaram um aspecto inesperado na Austrália. O auxílio americano está a ser prestado em larga escala. Por isso, o chefe do governo australiano, Curtin, declarou há pouco que qualquer tentativa de desembarque no seu país depararia com uma resistência vitoriosa.

Vejamos agora as ofensivas nipónicas que podem ser conduzidas a fim de prestar auxílio aos aliados do Japão. O principal instrumento das ofensivas, de considerar, embora menos prováveis do que as anteriores, seria a esquadra japonesa cuja verdadeira composição é ainda ignorada mas que todos reconhecem como um instrumento de guerra de primeira ordem.

Ofensiva contra a Índia e contra Ceilão (15) (16)

O êxito da segunda daria à esquadra japonesa uma força preponderante no Índico. Conjugado com uma tentativa feliz de invasão da península hindustânica colocaria os japoneses em condições de darem as mãos às forças armadas alemãs que partissem do Médio Oriente.

Ofensiva no Índico sul (12) (13)

Foi prevendo essa ofensiva que os ingleses ocuparam Madagascar protegendo assim as suas rotas de navegação e organizando a defesa eficaz do continente africano.

Ofensiva japonesa no Atlântico (7) (8)

Poderia realizar-se desde que as forças navais anglo-americanas que estacionam no Pacífico e no Índico fossem aniquiladas. De momento é probabilidade distante que, mesmo assim, não deixa de ser considerada.



No dia em que completou o seu 1.º aniversário de publicação, «Vida Mundial Ilustrada» ofereceu na sala da sua redacção um «Pôrto de Honra, Festa íntima entre camaradas para ela foram convidados amigos e colaboradores. Estes assistiram em grande número e entre eles se contavam alguns dos nomes mais ilustres e representativos do jornalismo português. Os que não puderam assistir, enviaram telegramas. São desta festa simples, mas tçante pela sua sinceridade, os três aspectos gráficos que acima publicamos.

PANORAMA INTERNACIONAL

(Conclusão da pág. 11)

preender que, por vezes, só podemos contar com nós próprios, se quisermos alcançar o triunfo. Os últimos três invernos foram extremamente rigorosos. Os elementos não têm sido amáveis connosco. A colheita do ano passado foi má, e agora precisamos de chuva». Georing declarou: — «Não acreditem em

tudo quanto se diz. Não publicamos decretos de guerra só para vos fazer a vida mais difícil. Devemos tornar-nos cada vez mais rijos até obtermos a vitória».

É o mundo de amanhã a dealbar. O sismógrafo de Deus, como lhe chamava Emilio Gebrart, marca-lhe as pulsações.

Sinal

N.º 10

EM DISTRIBUIÇÃO

SUMÁRIO: Espaço vital: tópico e realidade — Os despojos de 250 guerras — O diário de um major soviético — Curiosidade militar — Entre as batalhas — O segrêdo — O fantasma do Canal da Mancha — Escola de vôo à vela — País junto ao teatro da guerra — Parada de corações — Medicamentos radiantes - e outras crónicas interessantes.

Explêndidas ilustrações

Esc. 2\$00

Edição em lingua portuguesa

Distribuído por:

Agência Internacional

Rua de S. Nicolau, 119

LISBOA

O PROBLEMA DA INDIA

(Continuação da pág. 15)

que nada saberiam respeitar? É com jejuns de protesto que êle convenceria as populações muçulmanas, pletóricas de actividade, a suportar a tutela de seitas contemplativas?

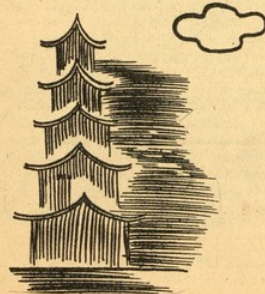
Os místicos da ordem de Gandhi, para quem a «acção» perdeu todo o valor, não devem emiscuir-se nas agitações da vida pública, porque já levam esquecida a visão das coisas terrestres.

Os altos pensadores da Índia nunca aprovaram a orientação de Gandhi nem o seu movimento de «Satyagraha» com a conseqüente «não-cooperação», que só conseguiu dificultar a mútua compreensão entre ingleses e indianos. Os próprios textos sagrados do Hinduismo expressamente regeitam as atitudes passivas, na vida política dos povos; tanto as «Leis de Manu» como o «Bhagavad-Gita» (Cântico do Senhor), impõem, aos reis e aos chefes, condutas de actividade heróica.

Tudo nos leva, pois, a concluir que a intervenção inglesa, como período de transição, foi altamente benéfica, na existência da Índia, e que, para o actual momento histórico, já foi encontrada a única solução viável: a Inglaterra garante lealmente um Estatuto de autonomia à Índia, logo que ela consiga confederar todos os seus elementos étnicos e criar as condições políticas, sociais, militares e administrativas, ao nível das responsabilidades que essa autonomia lhe vai acarretar. Para êsse efeito, o go-

vêrno britânico transferirá para o indiano — mediante condições a estudar pormenorizadamente — toda a sua máquina governativa, por forma a não perturbar, em qualquer sector, a seqüência da actividade nacional. A Índia, que constitui a mais espiritual das congregações raciais, compete respeitar os interesses derivados do esforço britânico e reconhecer a lição prática de organização e de cultura europeia, que a Inglaterra lhe ministrou. Se à Índia está destinada uma nobre missão, na evolução espiritual dos povos, é à Inglaterra que se deve a sobrevivência de sua unidade nacional, após o prolongado colapso em que as raças indianas se deixaram inferiorizar, perante povos que aceleravam o ritmo do progresso material.

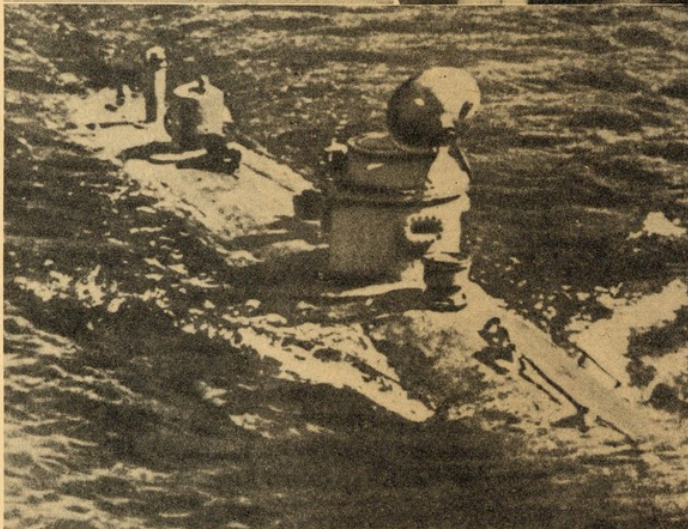
Eis, desenhado em miniatura, o tabuleiro onde se joga a partida indiana de xadrez internacional.





Imagens pitorrescas do **MUNDO**

À ESQUERDA: Uma impressionante foto que mereceu — e, quanto a nós, muito justamente — o primeiro prêmio da classe de «retratos» da 7.ª Exposição anual da Associação dos Reporters Fotográficos de Nova York. Trata-se dum instante executado durante uma reportagem.



EM CIMA — Joe, o chimpanzé que é o ídolo do Jardim Zoológico de Detroit, e que, sob a orientação do seu paciente tratador Harry Giles, consegue ter atitudes de grande senhor. — À DIREITA, em cima — Miss Leticia, grande bailarina da Broadway que detem um «récord» curioso: é a mulher americana a quem, até hoje, têm sido feitas mais fotografias

O CÉLEBRE SUBMARINO japonês de dois lugares, a maior novidade da guerra naval, depois das minas magnéticas, cuja aparição se registou no ataque a Pearl Harbour



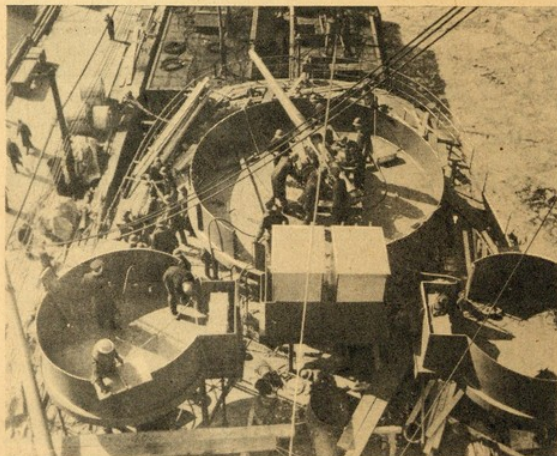


Figuras da Vida **MUNDIAL**

O CORONEL FRANK KNOX, ministro da Marinha do governo dos Estados Unidos, grande impulsionador da construção da nova esquadra dos dois oceanos, um dos maiores colaboradores de Roosevelt e figura que goza da maior popularidade na América do Norte
(Caricatura de Cândido: da Costa Pinto)



AS DIFICULDADES QUE, NESTA EPOCA, oferece a Frente Leste para as operações militares: Uma estrada transformada, pelo degelo, num verdadeiro lago; os transportes com trens; e condução dum ferido das linhas de fogo pelos soldados da Cruz Vermelha alemã.



MONTAGEM DUMA BATERIA de defesa anti-aérea num barco mercante norte-americano.

Escutai ROMA!

RADIO CENTRO-EIAR IMPERIAL

NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Horas de Portugal	ESTACOES	m.	Kc/s
9,50 Noticiário	{ 2 RO 6	m. 19,61	Kc/s 15,300
	{ 2 RO 4	m. 25,40	Kc/s 11,810
13,15 Comunicado de guerra	{ 2 RO 17	m. 15,31	Kc/s 19,590
	{ 2 RO 7	m. 16,88	Kc/s 17,770
17,30 Noticiário	{ 2 RO 17	m. 15,31	Kc/s 19,590
	{ 2 RO 7	m. 16,88	Kc/s 17,770
22,10 e 0,10 Noticiário	{ 2 RO 22	m. 19,61	Kc/s 15,300
	{ 2 RO 6	m. 25,10	Kc/s 11,950
1, Noticiário	{ 2 RO 4	m. 25,40	Kc/s 11,810
	{ 2 RO 3	m. 31,15	Kc/s 9,630
	{ 2 RO 11	m. 41,55	Kc/s 7,220
		m. 263,20	ondas médias
	{ 2 RO 6	m. 19,61	Kc/s 15,300
	{ 2 RO 19	m. 29,04	Kc/s 10,330
	{ 2 RO 18	m. 30,74	Kc/s 9,760

CONVERSAÇÃO EM LINGUA PORTUGUESA
(às quartas e domingos)

22,10 (às quartas)	m. 25,70	Kc/s 11,695
22,20 (aos domingos)	m. 30,25	Kc/s 9,830

LIÇÕES DA UNIVERSIDADE RADIOFÓNICA ITALIANA
(às terças, quintas e sábados)

16,35	{ 2 RO 11	m. 41,55	Kc/s 7,220
	{ 2 RO 22	m. 25,10	Kc/s 11,950



CONTRA TODAS
AS QUEIMADURAS

APYROL NÃO É UM CREME, É
UM PRODUTO MEDICINAL

APYROL

A venda na Farmácia Estácio—Rossio e em todas as boas farmácias e drogasias



UM ASPECTO da sessão solene de homenagem ao herói Caldas Xavier, na Sociedade de Geografia de Lisboa.



A GRANDE ORQUESTRA FILARMÓNICA DE BERLIM que recentemente efectuou concertos em Lisboa.



O PROF. DR. IVO CRUZ, director do Conservatório de Lisboa, com as professoras do Conservatório do Pôrto e os alunos que tomaram parte no concerto efectuado recentemente no Sindicato Nacional dos Músicos.



HENRI PUGET fazendo, na Instituto Francês, a sua conferência sobre «A elaboração da nova constituição do Estado, na França».

Para fotos
nitidas e perfeitas...
Película
Kodak

Seja qual for o estado do tempo ou as condições de luz, a película Kodak dá-lhes á «fotos» claras bem detalhadas e naturais. Carregue o seu aparelho com película Kodak e queira a garantia máxima de boas fotografias



À venda só nas boas casas de artigos fotográficos
KODAK LIMITED—33, RUA GARRETT—LISBOA



*a voz de Londres fala,
e o mundo acredita*

Noticiário em LÍNGUA PORTUGUESA

Horas	Noticiário	Estações	Ondas curtas
12.45	Noticiário	{ G R U 31.75 m. (9,45 mc/s) G R V 24.92 m. (12,04 mc/s)	
14.15	Noticiário	{ G R Z 13.86 m. (21,64 mc/s) G R U 31.75 m. (9,45 mc/s)	
14.30	Actualidades	{ G R V 24.92 m. (12,04 mc/s)	
23.00 (*)	Noticiário	{ G R X 30.96 m. (9,69 mc/s) G S B 31.55 m. (9,51 mc/s)	
23.15 (*)	Actualidades	{ G R T 41.96 m. (7,15 mc/s)	

(*) Este período de Noticiário e Actualidades ouve-se também em ondas médias de 261.1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

Criai o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C.

A' venda nas principais tabacarias e na Livraria Bertrand, R. Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.

Vida
MUNDIAL
ilustrada

JOSE CANDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942.

— VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

Vida
MUNDIAL
ilustrada



OS ALUNOS DO INSTITUTO BRITÂNICO, organizaram recentemente uma grandiosa festa na Casa do ALENTEJO. Na foto, vêm-se os srs. embaixador da Inglaterra, ministro dos Estados Unidos da América, e outros membros do Corpo Diplomático, com o sr. dr. Gustavo Cordeiro Ramos, presidente da Junta Nacional de Educação, presidindo à distribuição de prémios aos alunos



UM ASPECTO DO BAILE que se seguiu à festa de distribuição de prémios na Casa do ALENTEJO



O ARTISTA AMERICANO TABORDA inaugurou recentemente, no salão do nosso colega «O Século», uma interessante exposição de desenhos e aguarela. A foto mostra-nos o artista com o sr. dr. Jaime Lopes Dias, director da secção cultural da Câmara Municipal de Lisboa, e outras entidades, visitando a exposição



NO MUSEU DAS JANELAS VERDES efectuou há dias uma interessante conferência o intelectual francês Paul Guinard

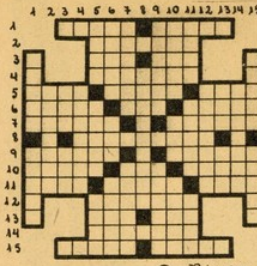
PALAVRAS CRUZADAS

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 25

HORIZONTAIS: 1—Eça; Nicols; Mea. 2—Soba; Sais; Siob. 3—Obelo; Sigla. 4—Cata; Said. 5—Eia; Leca. 6—Sós; Aos. 8—Hui; Ral. 9—Ila; Ici. 10—Mut; Oat. 11—Eles; Asio. 12—Na; Od; Si; Ci. 13—Iras; Arar; Siob. 14—Açazia.

VERTICAIS: 1—Esoces; Hime-nio. 2—Cobaio; Ulular. 3—Abétas; late; An. 4—Ala; Sós. 6—Is; Af. 7—Cá; Rã. 8—Li; Az. 9—Es; Ri. 11—Sis; Ais. 12—Migala; Rios; Ir. 13—Eólico; Acaico. 14—Abadas; Lítóide.

Dicionários adoptados: Cándido de Figueiredo, 4.ª Edição; Língua Portuguesa e Sinónimos — Fonseca e R:pete; Do Povo; Sinónimos e Mitologia — de Bandeira; e Mitologia de Chompré.



PROBLEMA N.º 26

HORIZONTAIS: 1 — Acabar; Artifice. 2 — Laurára de leve. 3 — Arrás; Paguei. 4 — Capela. 5 — Abre; Planta medicinal do Malabar; Vantajoso. 6 — Satisfaz; Governanta; Prepara com anís. 7 — Amofina-ria; Grainha (pl.). 8 — Rólos de cabelo que caem sobre a testa. 9 — Quadrúpede de Ceilão; Tijólo cru (pl.). 10 — Acontecera; Altar; Aniquila. 11 — O preço mais baixo; Ventilação; Vila portuguesa (inv.) 12 — Acaso. 13 — Bóxe; Cedêr gratuitamente. 14 — Diz-se da lanterna dos vidros. 15 — Copo de vinho que tem resguardos de lata à borda (pl.); Antiga moeda de ouro portuguesa correspondente a 3 libras antigas.

VERTICAIS: 1 — Contagiar com gaça; Incisão cirúrgica feita na pele para extracção de sangue ou de pús. 2 — Propensa para o amor. 3 — Antiga moeda de prata, na Pérsia; Lírio. 4 — Cordão de esparto de que se fazem asas de seirões. 5 — Diz-se no Algarve de uma variedade de figos redondos e pardos; Nada. O oitavo mês do ano persa. 6 — Mentira; Bagatela; Planta medicinal. 7 — Riso; planalto (pl.). 8 — Tribu de índios do Brasil que viviam nas margens dum afluente do rio Madeira. 9 — Embarcação costeira dos marroquinos; Favorecer. 10 — Pequeno altar; Atrêla; Ousadia. 11 — Amuladato; Lavoira; Rezai. 12 — Concorde. 13 — Bagatela; Alisei. 14 — Aquele que entre os atenienses ocupava o gráu intermédio ao cidadão e ao estrangeiro domiciliado, e tinha todos os direitos de cidade. 15 — Coiro curtido de boi e próprio para manufacturar calçado (pl.); Ave, o mesmo que alma-de-gato.



AINDA LHE RESTA ALGUM CABELO!

Ainda lhe resta o

Petróleo Químico Nally!

Comece já a fazer uma aplicação todos os dias se deseja salvar o cabelo que lhe resta!

O **Petróleo Químico Nally** é o remédio mais eficaz contra a queda do cabelo e contra a caspa. Vinte e dois elementos activos entram na sua composição, prevenndo todas as afecções do coiro cabeludo.



EM SESSÃO SOLENE, perante a colónia italiana de Lisboa, o prof. dr. Le.º Pessoa celebrou o «Dias dos italianos no Mundo» com tocantes palavras de exaltação da amizade luso-italiana



Tipos de Lisboa:

O Pantomineiro

Página humorística de Stuart de Carvalhais

vida
MUNDIAL
ilustrada



Os chefes militares norte-americanos!

UM DECRETO DE ROOSEVELT assinado no dia 2 de Março último estabeleceu as atribuições dos comandos do exército americano e os respectivos chefes. A foto mostra-nos um aspecto da primeira reunião dos novos comandantes. Da esquerda para a direita: Sentados — Tenente-general Henry H. Arnold, chefe da aviação; General George Marshall, comandante chefe do exército; e Tenente-general Leslie Mac Nair, chefe das forças territoriais. Em pé — Major-general Brehon Somervell, chefe dos abastecimentos e General Namey, chefe da reorganização de guerra.